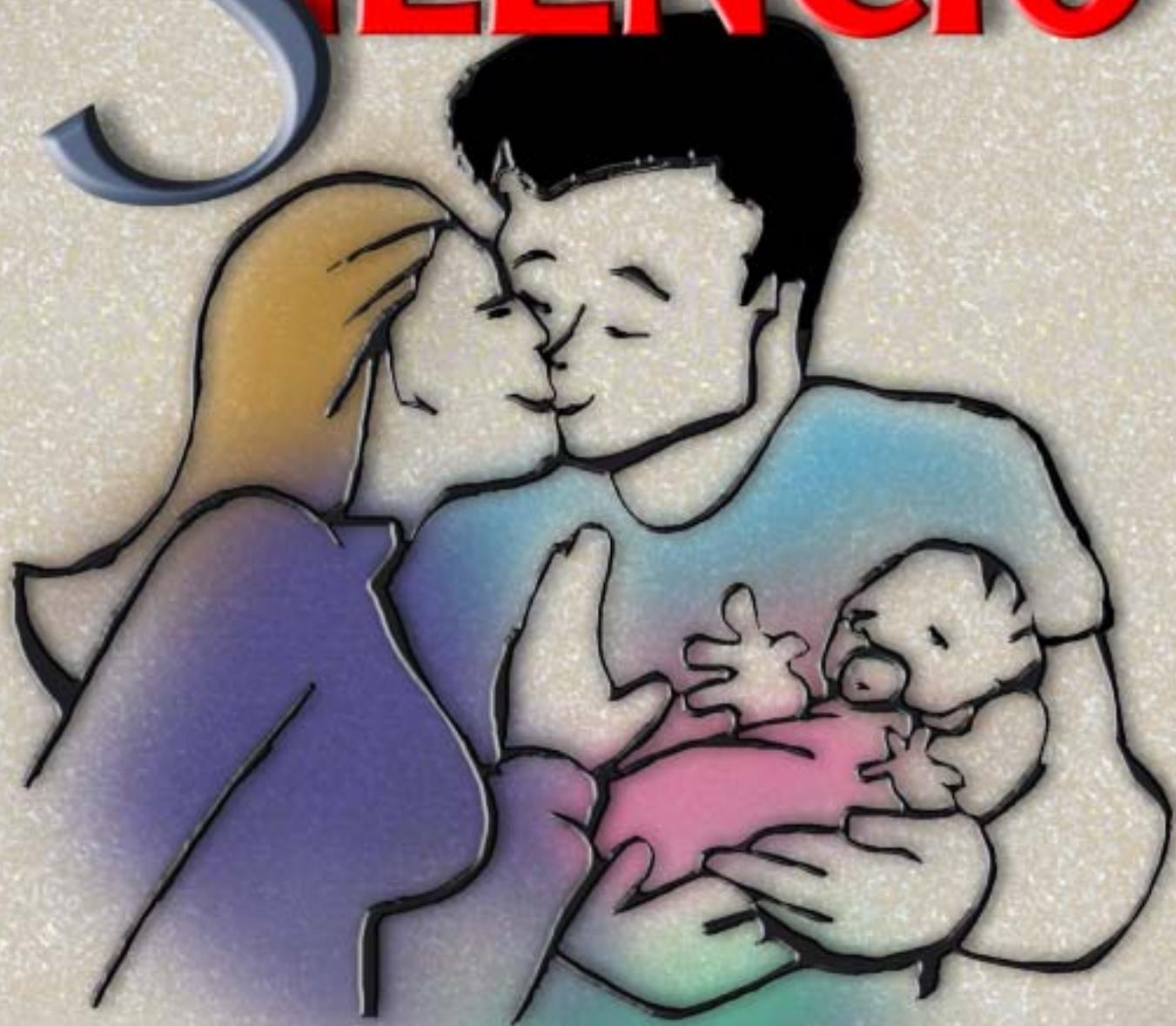


QUEBRANDO O SILÊNCIO



Família

Cuide, Ame e Proteja

Ajude a quebrar o silêncio

por Rubens Lessa

Disse Marco Túlio Cícero: “Nada mais oposto à justiça que a violência.” Muito antes, porém, de o famoso mestre da eloquência latina afirmar isso, Deus já havia ido além da mera constatação. Indignado diante da ira assassina de Caim, não ficou passivo em Seu trono, e perguntou-lhe: “Que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama da terra a Mim.” Gên. 4:10.

Em nossos dias, clama por justiça a voz de milhões e milhões de vítimas de abuso. Deus, certamente, ouve esse grito abafado. Vê, com tristeza, que no Brasil uma mulher é vítima de violência a cada quinze segundos. Está ciente de que 2.100.000 mulheres são espancadas por ano. Sabe que mais de 70% dos atentados violentos ao pudor são praticados por pessoas conhecidas (amigos, parentes, vizinhos, colegas, maridos, namorados). Nosso Deus, porém, vê muito mais do que os dados estatísticos revelam. Sabe que a maioria das pessoas tem medo de quebrar o silêncio.

Ciente disso, o Ministério da Mulher, no território da Divisão Sul-Americana, saiu a campo a fim de minimizar as conseqüências desse grave problema. Além de um conjunto de medidas preventivas, preparou este número especial da revista *Sinais dos Tempos*

sobre violência doméstica, tendo como slogan: *Família – cuide, ame e proteja*.

Como célula-mãe da sociedade, a família moderna precisa voltar a ser um refúgio para seus membros. Deve ser um “cantinho do Céu na Terra”, como propõe Ellen G. White. O caminho é longo, pois o que se vê hoje, na maioria das famílias, é um “pedacinho do inferno”: pais impacientes e agressivos; filhos assustados e inseguros. De fato, o caminho é difícil, mas compensa lutarmos para que esse quadro sombrio dê lugar ao arco-íris da paz e harmonia. Basta que pais e filhos aprendam a arte de *cuidar, amar e proteger*.

Pesquisas recentes sobre violência doméstica mostram que a negligência é um dos piores tipos de abuso. É grande o número de pais abandonados, vítimas da omissão e descaso de filhos destituídos de amor, mais interessados nas coisas materiais que no bem-estar daqueles que os trouxeram ao mundo. Muitos morrem por falta de uma palavra de amor e reconhecimento. Por outro lado, há pais que negligenciam o dever de cuidar dos filhos, “a herança do Senhor”. Não lhes dão a oportunidade de estudar numa boa escola, negam-lhes o carinho de que precisam, deixando-os à mercê das conseqüências da omissão.

Quem ama, cuida e protege. Quem ama, não se omite. Quem ama, não comete abusos contra ninguém.

Esta revista enfatiza três aspectos básicos: 1) conscientização do problema da violência doméstica; 2) construção da paz na família; e 3) como lidar com os agressores.

Você verá que a violência doméstica é um mal velado. Às vezes, está bem perto, mas é ignorado intencionalmente. Portanto, a fim de que o número de vítimas de abuso não continue aumentando, todos os membros

da igreja precisam entender a necessidade de quebrar o silêncio.

Esse processo de conscientização é fundamental para que se tomem medidas para a construção da paz no ambiente da família. Como evitar que as vítimas continuem sofrendo? Como reduzir os efeitos do abuso?

Ciente dessa necessidade, a Igreja Adventista do Sétimo Dia votou uma declaração sobre violência doméstica. O texto, em sua íntegra, consta desta edição. A Igreja, portanto, está à procura de caminhos para atuar nas causas e efeitos desse grande problema. Contudo, é necessário que todos os membros façam a sua parte.

Unindo-se a nós, a deputada federal Maria do Rosário, presidente da Frente Parlamentar de Defesa da Criança e do Adolescente, afirma que “a violência doméstica é grave e precisa ser combatida” (ver pág.). E, com muita propriedade, sugere: “Por meio das diversas formas como se apresenta a violência doméstica, fica evidente a necessidade de lutarmos cada vez mais pela cultura da paz.”

Todas as matérias são muito oportunas, mas chamamos a atenção para o artigo “O outro lado da moeda” (pág.). A autora, Tércia Pepe Barbalho, faz uma solene pergunta: “Os sentimentos mais ternos são dedicados à vítima, mas que dizer do agressor?” Ela afirma que “o agressor é uma pessoa que também sofreu mas, infelizmente, age de maneira a repassar o sofrimento, fazendo novas vítimas. Se, contudo, buscar ajuda, poderá transformar sua vida e a das pessoas que magoou”.

Leia e releia esta revista. Analise seu conteúdo, pondere e reflita. Mas, acima de tudo, ajude a quebrar o silêncio a fim de que, em seu raio de atuação, não haja vítimas de abuso. 🌐

Rubens Lessa é teólogo e editor.



Número Especial

Editor deste número: Rubens Lessa
Chefe de Arte: Marcelo de Souza
Projeto Gráfico: Douglas Assunção



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Rodovia Estadual SP 127, km 106
Caixa Postal 34; CEP 18270-970 – Tatuí, SP
Fone (15) 3205-8800 – Fax (15) 3205-8900
Serviço de Atendimento ao Cliente: (15) 3205-8888

Diretor-Geral: José Carlos de Lima
Diretor Financeiro: Antonio Oliveira Tostes
Redator-Chefe: Rubens S. Lessa
Gerente de Produção: Reisner Martins
Gerente de Vendas: Tércio Marques
Capa: DSA
Visite o nosso site: www.cpb.com.br
E-mails: Redacao:redcpb@cpb.com.br
Atendimento ao cliente: sac@cpb.com.br



Sinais dos Tempos:
Marca Registrada no Instituto Nacional de Propriedade Industrial. Todos os direitos reservados. Não é permitida a reprodução total ou parcial de matérias deste periódico sem autorização por escrito dos editores.

47.000 exemplares.

8381/12657

Sumário

Ajude a quebrar o silêncio	2
Em nossos dias, clama por justiça a voz de milhões e milhões de vítimas <i>Rubens Lessa</i>	
Mensageiros do amor	4
O Senhor deseja que o ambiente do lar seja feliz <i>Evelyn Nagel</i>	
Violência doméstica em números	5
Dados estatísticos mostram apenas a ponta do <i>icyberg</i>	
A violência doméstica precisa ser combatida	6
Diante de problema tão grave, cumpre-nos lutar pela cultura da paz <i>Maria do Rosário</i>	
O outro lado da moeda	8
Os sentimentos mais ternos são dedicados à vítima, mas que dizer do agressor? <i>Tércia Pepe Barbalho</i>	
Mitos e fatos sobre violência doméstica	10
Não há escusa para a violência, qualquer que seja a situação	
A Bíblia oferece solução para a violência	11
Deus tem um programa de reabilitação para vítimas e agressores	
Declaração da Igreja Adventista do Sétimo Dia sobre violência	14
A igreja tem a responsabilidade de interessar-se pelas vítimas da violência	
Violência contra crianças	16
O que a induz e como enfrentar o problema <i>Beatriz de Calafiore</i>	
Violência entre quatro paredes	20
Maneiras mais frequentes de violência doméstica e seus efeitos <i>Sueli Ferreira de Oliveira</i>	
Questões religiosas relacionadas com violência	22
Quando uma pessoa sofre, quase sempre pergunta: Por que isso está acontecendo comigo? <i>Marie M. Forture</i>	
Palavras e castigos inconseqüentes	25
Toda palavra inoportuna leva ao caminho da ruína <i>Ellen G. White</i>	
Vivendo a paz	26
A violência pode ser desaprendida <i>Odiléia Lindquist</i>	
Sabedoria para evitar a violência	29
Cuidado com as palavras: virtude rara <i>Noel José Dias da Costa</i>	
Onde buscar auxílio	31
Livros e entidades que podem ajudar	



6



16



20



25



26

Mensageiros do amor

O Senhor deseja que o ambiente do lar seja feliz

por Evelyn Nagel

Deus criou-nos para sermos felizes, para vivermos em paz e harmonia. Homem e mulher foram criados à imagem de Deus para viver segundo os padrões do Céu. No entanto, o companheirismo do Éden, que unia o coração de nossos primeiros pais em unidade e amor, teve que ceder lugar a atritos e desentendimentos. Mesmo assim, o plano de Deus não foi alterado. O Senhor deseja que sejamos felizes. Quer que homem e mulher formem um lar, tenham filhos e desfrutem amor verdadeiro.

Com a entrada do mal neste mundo, a mulher passou a ter a tendência de desprezar a função de liderança do marido. Este, por sua vez, começou a abusar de sua autoridade, subjugando a mulher e os filhos. Por isso, vemos tantos atos de violência dentro da família.

Sendo cristãos, precisamos praticar os ensinamentos dados por Cristo, pois o próprio nome de cristão significa que devemos imitá-Lo. Temos o Modelo a seguir e uma regra áurea a nos guiar, descrita na epístola aos Gálatas: “andai no Espírito” (5:16). Ao fazermos assim, o fruto certamente será “amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão e temperança” (versos 22 e 23).

Atualmente, a maioria das pessoas afirma que não dispõe de tempo a fim de pôr em prática essa regra tão simples. No âmbito da família, amor, paz, mansidão e alegria são ingredientes raros. O que se vê por todos os lados são pessoas sofrendo, rostos tristes, desesperançados, atitudes agressivas e falta de benignidade.

O pecado tornou muito difíceis os relacionamentos. Pais sem paciência, mães perdidas em sentimentos não expressos, filhos desobedientes e “sem

afeto natural”. O caos é a ordem do dia na maioria das famílias.

O conselho inspirado diz-nos que “o lar deve ser o centro do amor mais puro e da mais elevada afeição. Paz, harmonia, afeição e felicidade devem ser perseverantemente acariciadas cada dia, até que essas preciosas virtudes habitem no coração dos que compõem a família.” – *O Lar Adventista*, pág. 195. Portanto, não devemos permitir que o abuso continue ocorrendo nos lares. Temos a missão de ajudar não apenas os que sofrem, mas também os que se deixam levar por sentimentos impulsivos, mostrando-lhes o Salvador que molda e suaviza o temperamento. Devemos mostrar-lhes Aquele que pode socorrer em tempos difíceis, cuja presença traz

paz, harmonia e amor a cada lar.

Que o Senhor nos ajude a ser uma bênção na vida dos que sofrem as consequências do abuso e dos relacionamentos quebrados. Que Ele nos capacite a levar a paz do Céu a esses corações. 🌐

Evelyn Nagel é diretora do Departamento dos Ministérios da Mulher da Divisão Sul-Americana e coordenadora desta edição especial.



ERLO KOTLER

- Uma em cada três mulheres no mundo será estuprada, espancada, coagida a ter relações sexuais ou outro tipo de abuso durante sua vida.

- As mulheres têm cinco a oito vezes mais probabilidades de ser vítimas de abuso do que os homens.

- Oitenta e um por cento dos homens que cometem abusos físicos tiveram pais que abusaram das esposas.

- A UNICEF estima que 70% das crianças e adolescentes recebem maus-tratos físicos dentro de seu núcleo familiar.

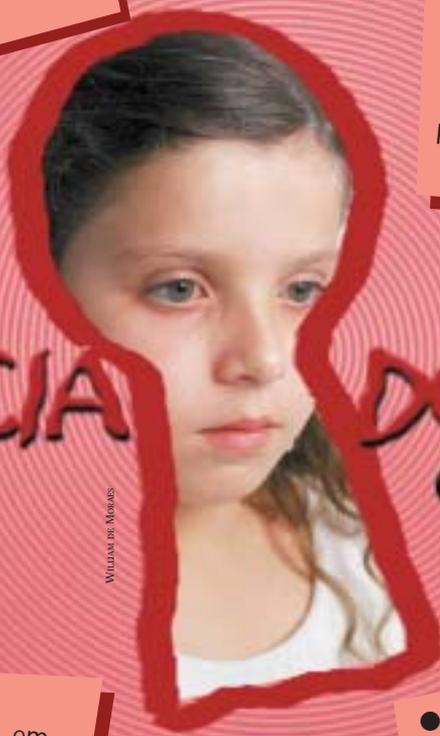
- A cada minuto uma criança é vítima de violência no Brasil.

- Dados colhidos no site www.fpa.org.br/nop/mulheres/violencia.htm, informam que, no Brasil, a cada 15 segundos uma mulher é vítima de violência. Por ano, são espancadas 2.100.000 mulheres – isso significa que 175 mil mulheres são vítimas de violência física por mês, 5.800 por dia, 243 por hora ou 4 por minuto.

- Em quase todos os casos de violência, mais da metade das mulheres não pede ajuda.

- De cada cinco brasileiras, uma declara espontaneamente ter sido vítima de algum tipo de violência por parte de algum homem.

VIOLÊNCIA DOMICILIAR em números



WILLIAM DE MORAES

- As mulheres são vítimas em 84,3% dos casos de agressão. As vítimas estão nas seguintes faixas etárias: 24,6% de 18 a 35 anos; 21,3% de 36 a 45 anos; e 13% de 46 a 55 anos.

- Nos Estados Unidos, o abuso sexual ocorre em um terço das famílias. Porém, tanto lá quanto no Brasil, a pequena vítima não revela seu segredo à mãe, por temer magoá-la.

- A maioria dos crimes sexuais ocorre na própria residência da vítima.

- Informe divulgado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em novembro de 2002, revela que quase metade das mulheres que morrem por homicídio no mundo são assassinadas por seus maridos ou ex-parceiros.

- A OMS considera a violência contra a mulher um problema de saúde pública.

- Análise feita de 1.169 casos atendidos no SOS Criança da ABRAPIA, entre janeiro de 1998 e junho de 1999, revelou os seguintes índices quanto às formas de violência praticada contra crianças e adolescentes:

Violência física	65%
Violência psicológica	51%
Negligência	49%
Abuso sexual	13%



A violência doméstica precisa ser **COMBATIDA**

Diante de problema tão grave, cumpre-nos lutar pela cultura da paz

por Maria do Rosário

O fenômeno da violência é um dos mais graves problemas da humanidade. A violência doméstica, em particular, ganha dimensões assustadoras e afeta, especialmente, mulheres, crianças, adolescentes, idosos e portadores de deficiência.

Ao falarmos em violência doméstica, devemos considerar qualquer tipo de abuso praticado no espaço domés-

tico, que pode incluir pessoas sem função parental mas com relação de convivência, mesmo que esporádica.

A violência doméstica, porém, não pode ser diluída da violência de gênero. Estima-se que a cada ano, no Brasil, 300 mil mulheres sejam agredidas fisicamente por maridos ou namorados. Estudos realizados com homens também evidenciam uma situação preocupante. Pesquisa publicada em 2003, no Rio de Janeiro, onde foram entrevistados 749 homens, com idade entre 15 e 60 anos, revela que 25,4%

afirmou ter empregado violência física para com a parceira, 17,2% informaram ter usado violência sexual e 38,8% afirmaram ter insultado, humilhado ou ameaçado pelo menos uma vez a esposa ou a namorada.

Saúde

A violência doméstica toma a forma de maus-tratos causando perda de saúde ainda pouco dimensionada. Percebê-la e registrá-la é um desafio para os profissionais de saúde. Os serviços médicos têm dificuldades para diagnosti-



car e registrar os casos de violência, resultando no aumento dos casos de violência continuada. Os profissionais da área estão em posição estratégica para detectar riscos e identificar as possíveis vítimas, pois normalmente são os primeiros a serem informados sobre os episódios de violência.

Pessoas submetidas a esse tipo de violência, principalmente mulheres e crianças, muitas vezes culpam-se de serem responsáveis pelos atos violentos velando ainda mais o problema. A busca por novas formas de ação para alcançar soluções compatíveis é um desafio para a sociedade. Os instrumentos jurídicos, o sistema de proteção e o sistema punitivo não têm conseguido diminuir a incidência da violência nem amenizar seus efeitos. Essas instituições não contam, em sua maioria, com sistemas de diagnósticos e registros apropriados. Entretanto, é preciso assinalar que, a cada dia, estes aspectos vêm sendo superados pelo número cada vez maior de denúncias realizadas, principalmente nas Delegacias de Proteção à Mulher e Conselhos Tutelares.



Crianças

Nos casos de violência contra crianças e adolescentes, é fundamental o olhar atento e crítico das equipes de saúde, bem como o de professores e pessoas próximas. Frequentemente, a criança ou adolescente maltratado traz consigo múltiplas evidências que podem estar relacionadas à privação emocional, nutricional, negligência e abuso.

Assim como a violência contra a mulher carrega a cultura do poder masculino, as crianças também enfrentam uma dificuldade cultural: a da educação por meio do castigo físico, que pode ocorrer através da palmada ou com a utilização de instrumentos e objetos. Instituições de defesa da criança

vêm trabalhando por meio de campanhas para mudar esta cultura, invertendo esta posição e mostrando que a palmada deseduca e estimula a violência.

Na Câmara, apresentamos o Projeto de Lei 2654/03, que altera o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e o novo Código Civil para estabelecer o direito da criança e do adolescente de não serem submetidos a qualquer forma de punição corporal, mediante a adoção de castigos moderados ou imoderados, sob a alegação de quaisquer propósitos. Pela proposta, será conferida proteção especial à criança e ao adolescente que sofrerem punição corporal em consequência, entre outras, de sua raça, etnia, gênero ou situação sócio-econômica. A matéria tramita na Comissão de Educação e Cultura.

De acordo com o texto, a punição corporal de criança ou adolescente sujeitará os pais, professores ou responsáveis às medidas previstas no ECA, entre as quais, o encaminhamento do infrator a programa oficial ou comunitário de proteção à família, a tratamento psicológico ou psiquiátrico e a cursos ou programas de orientação. Além disso, a criança ou adolescente deverá ser encaminhada a tratamento especializado. O projeto foi concebido em parceria com a Universidade de São Paulo (USP).

Apesar dos avanços decorrentes da Constituição e do ECA, ainda persiste a cultura que admite o uso da violência contra a criança e o adolescente, a chamada mania de bater. A remanescência dessa cultura ainda é admitida e tolerada sob o argumento de que se trata do emprego de violência moderada, enquanto a ordem jurídica dispõe censura explícita tão-somente quando da ocorrência da violência imoderada. É fundamental tornar explícito que a punição corporal de criança e adolescente é absolutamente inaceitável.

Idosos

O aumento da expectativa de vida somado à diminuição da taxa de natalidade

trouxe um aumento da população idosa em todo o mundo. São consideradas idosas as pessoas com mais de 60 anos. Os idosos tornam-se mais vulneráveis à violência doméstica na medida em que necessitam de maiores cuidados. Apenas recentemente os maus-tratos contra o idoso passaram a ser reconhecidos como violência doméstica. Para enfrentar este problema, é necessária a construção de uma rede integrada de atendimento à terceira idade envolvendo setores governamentais e não governamentais para atuação conjunta com as equipes de saúde.



PPDs

Os portadores de deficiência (PPDs), da mesma forma, precisam de condições para desenvolverem suas potencialidades, respeito e carinho para conquistarem a inclusão social. Com o intuito de protegê-lo, ou por falta de orientação, isola-se o portador de deficiência do convívio social. Infelizmente, ainda é comum constatar casos de PPDs contidos por meio cordas, ataduras ou isolados em quartos sem qualquer estímulo. Observa-se, ainda, a administração exagerada de medicamentos e a exploração financeira através da retenção de pensões ou aplicação de valores sem o conhecimento da pessoa interessada.

Por meio das diversas formas como se apresenta a violência doméstica, fica evidente a necessidade de lutarmos cada vez mais pela cultura da paz. Uma vez instituída de fato, só ela pode combater esse mal que atinge a humanidade. Ao mesmo tempo, cabe aos diferentes níveis de governo promover o fortalecimento de medidas destinadas a conter e prevenir todas as formas de violência. 🌐

Maria do Rosário é
Deputada Federal pelo Rio Grande do Sul e
Presidente da Frente Parlamentar de Defesa
da Criança e do Adolescente.





O outro ODAL LADO da moeda

por Tércia Pepe Barbalho

Os sentimentos mais ternos são dedicados à vítima, mas que dizer do agressor?

Uma garota de 12 anos desenvolveu câncer nos ossos que quase a levou à amputação de um braço. Ela era abusada física e psicologicamente pelo pai e estava cansada de vê-lo esmurrando sua mãe. Certo marido chegou em casa mais cedo e flagrou a esposa batendo a cabeça do bebê de um ano contra a parede, pois a criança chorava muito, segun-

do a mãe. Uma menina de dois anos e meio deixou claro para sua avó que havia sido molestada sexualmente pelo próprio pai.

Diante de histórias como essas e tantas outras semelhantes, nosso primeiro impulso é de indignação e revolta. Quando nos deparamos com o abuso, a agressão e a violência, logo nos solidarizamos com a vítima e nos iramos contra o agressor.

Os sentimentos mais ternos são dedicados à vítima, enquanto que para o agressor dirigimos todo o nosso julgamento e a nossa pronta acusação. Passamos rapidamente à “execução mental” de castigos e penas dolorosas para que o agressor possa pagar bem caro pelo mal que causou. Se pudéssemos, sairíamos aplicando a “justiça” com as próprias mãos e a vingança “lavaría a nossa alma”. Todavia, neste exato momento, estaríamos cometendo erros equivalentes aos praticados pelo agressor. Estaríamos nos assemelhando a ele.

Pois bem, a natureza humana é assim mesmo, e muitas vezes ficamos surpresos ao ver, pela TV, depoimentos de pessoas que diante das câmeras perdoaram ao assassino de seus filhos e nos perguntamos se seríamos capazes de fazer o mesmo.

Não estou querendo dizer com isso que devemos fazer vistas grossas e deixar na impunidade os males cometidos. Todo abuso, quer seja físico, sexual ou emocional precisa ser denunciado para que haja proteção da vítima e um possível encaminhamento do agressor. Provas científicas mostram que o agressor precisa ser contido e punido, pois sem isso não ocorre a resolução do problema (Megargee e Hokanson).

O amparo legal, o médico-psicológico e o espiritual que a vítima precisa ter também devem ser estendidos ao agressor. Este deve arcar com as consequências de seus atos, precisa pagar pelo que fez, mas carece de atenção e misericórdia da sociedade, pois atrás de indivíduos violentos e abusivos, por trás de certos “monstros”, pode haver uma pessoa com sérios problemas. Pessoas desajustadas e desequilibradas, com dores emocio-

nais profundas, são mais vulneráveis às pressões do momento e reagem de forma inadequada.

Geralmente, a pessoa que abusa ou agride diz que “perde o controle” e, quando a comoção passa e ela percebe o que fez, sente-se culpada, sente remorso, chora, se desmancha em pedir desculpas, mas isto só dura o tempo de chegar o próximo momento de perda de controle, e o abuso ocorre novamente.

Para quebrar esse círculo vicioso, a pessoa precisa ser conscientizada de que sozinha não irá conseguir nada, precisará de ajuda, pois existem vários fatores que influenciam esses comportamentos.

Ao analisarem a natureza da agressividade humana, alguns pesquisadores concluíram que a base da agressividade é principalmente cultural e ambiental e que as tendências agressivas podem ser decisivamente modificadas pela educação. O comportamento agressivo depende de fatores ambientais, ou seja, o agressor aprende a ser agressivo. Geralmente sofreu na infância e adolescência; por isso, reflete experiências vividas.

O especialista Caram alerta que a violência sempre é sintoma de uma infecção mais grave. Ardrey diz que muitas vezes a agressão, mesmo violenta, é sinal da necessidade de amor. O mesmo autor afirma que “nenhuma criança que tenha sido adequadamente amada, veio a se transformar num delinqüente ou num assassino”. Montagu diz que a necessidade de amor, quando satisfeita, leva ao desenvolvimento saudável, à capacidade de amar e à capacidade de cooperar.

Como vemos, o agressor é uma pessoa que também sofreu mas, infelizmente, age de maneira a repassar o sofrimento, fazendo novas vítimas. Se, contudo, buscar ajuda, poderá transformar sua vida e a das pessoas que magoou. Ele precisará da intervenção de um psicólogo e de um psiquiatra. Também poderá contar com o apoio de grupos, como os “Alcoólicos Anônimos”, “Neuróticos Anônimos”, “Narcóticos Anônimos”, que têm 420 unidades espalhadas por todo o Brasil.

Com tratamento adequado, as pessoas podem aprender a lidar com frustrações, medos, ira, hostilidade, raiva, tristeza, desenvolvendo respostas mais construtivas. Para que isso possa ocorrer, é preciso quebrar o silêncio, denunciar o abuso e buscar saída para este mal que escraviza a vítima e seu algoz, que também foi vítima um dia. 🌐

Tércia Pepe Barbalho é
Mestra em Psicologia Clínica e Coordenadora do
Curso de Psicologia do UNASP-C1.

Três passos a seguir

1. Reconhecimento do problema. Caram afirma que o povo cristão possui um papel profético diante deste quadro e lembra a figura do profeta exortando reis e monarcas a reconhecer seus erros e corrigi-los. A preocupação do profeta é com a pessoa nas situações de injustiça, opressão e exploração.

A Bíblia nos mostra a determinação de Deus em não deixar impunes as más ações: “Castigar-vos-ei segundo o fruto das vossas ações, diz o Senhor.” Jeremias 21:14.

2. Assumir as consequências. Em outro versículo, a chamada é para a conscientização das consequências: “Aquele servo, porém, que conheceu a vontade de seu senhor e não se aprontou, nem fez a sua vontade será punido com muitos açoites.” Lucas 12:47.

3. Buscar tratamentos que auxiliem na mudança de comportamentos.

E, por fim, ter a certeza da possibilidade de mudar, de deixar para trás os erros e apegar-se à promessa do perdão: “Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo, os seus pensamentos; converta-se ao Senhor, que Se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar.” Isaías 55:7.

* Alcoólicos Anônimos – Fone: (11) 228-2042 (Agência Central – São Paulo)



Dynamic Graphics

Mitos e Fatos

sobre Violência Doméstica

Mito 1 – A violência doméstica não ocorre com frequência.

Fato – A violência doméstica ocorre em um dentre quatro a cinco casamentos ou relacionamentos de fato, e inclui todos os grupos cristãos.

Mito 2 – A violência doméstica não é um fenômeno das classes inferiores.

Fato – Os estudos indicam que a violência doméstica é um problema que transcende os limites de classe.

Mito 3 – A violência doméstica ocorre apenas entre determinados grupos étnicos.

Fato – A violência doméstica ocorre em todos os grupos. Em seu primeiro ano de funcionamento (1986), em certo país, o Serviço de Amparo Contra a Violência Doméstica recebeu ligações telefônicas de 50 países.

Mito 7 – Os homens que cometem violência contra a esposa são psicopatas.

Fato – Esses homens, normalmente, não têm problemas psiquiátricos. O simples fato da ocorrência da violência doméstica pode levar-nos a duvidar disso.

Mito 4 – O consumo de bebidas alcoólicas provoca a violência doméstica.

Fato – As bebidas alcoólicas muitas vezes desencadeiam a violência, mas raramente são a causa. Em mais de 50% dos casos informados à polícia, o agressor estava sóbrio.

Mito 6 – As mulheres

vítimas de violência doméstica devem ser loucas ou neuróticas, ou devem gostar da violência, pois de outra forma abandonariam seu companheiro.

Fato – Os estudos mostram que as vítimas são normais – algumas podem ter adotado comportamentos transtornados para sobreviverem em situações intoleráveis – assim como outras pessoas agiram sob tortura.

Mito 5 – As mulheres vítimas da violência doméstica incitaram a violência. Elas devem ter provocado o agressor.

Fato – Não há escusa para a violência, qualquer que seja a situação, além do fato de que muitas mulheres informaram haverem sido agredidas pelas costas, sem qualquer sinal de advertência.



DYNAMIC GRAPHICS

A Bíblia oferece solução para a violência

Deus tem um programa de reabilitação para vítimas e agressores

Centenas de passagens bíblicas falam sobre violência, abuso, estupro, incesto, emboscada, ameaças, palavras ásperas, intimidação e opressão. Todas estas coisas são reprovadas por Deus. A Bíblia condena drasticamente a violência e o abuso, qualificando-os como pecado e perversidade.

A Palavra de Deus condena a violência no relacionamento pessoal. (Ver Gên. 6:11 e 13; Sal. 11:5; Gál. 5:19-21.) Já o Espírito de Cristo é de aceitação, de afirmação e edificação dos outros e não de abuso nem aviltamento (Rom. 12:10; 14:19; Efés. 4:26; 5:28 e 29; Col. 3:8-14; I Tess. 5:11).

Não há lugar entre os seguidores de Cristo para o controle tirânico e para o abuso de poder (Mat. 20:25-28; Efés. 6:4). A violência no casamento e na família é coisa detestável.

O Evangelho é o programa de reabilitação que Deus tem para os pecadores e agressores, e a igreja deve ser um refúgio para as vítimas.

* Problema universal

A escalada de assassinatos, agressões, estupros e abuso no âmbito da família impeliu os pesquisadores a denominarem a violência doméstica como “pior que a atrocidade”. Ato violentos são muitas vezes cometidos por trás das portas, sem que sejam denunciados, o que torna a violência “um dos principais problemas de saúde pública de nossos dias”, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS). Noventa e dois por cento das mulheres colocam o combate à violência doméstica e sexual no topo de suas prioridades.

Kofi Annan, presidente das Nações Unidas, disse recentemente: “A violência contra as mulheres é o tipo de abuso mais difundido no mundo.” Uma em cada três mulheres no mundo será estuprada, espancada, coagida a ter relações sexuais ou outro tipo de abuso durante sua vida.

As mulheres têm cinco a oito vezes mais probabilidades de ser vítimas de abuso do companheiro do que os homens. (*Violence by Intimates: Analysis of Data on Crimes by Current or Former Spouses, Boyfriends or Girlfriends, Departamento de Justiça dos EUA, março de 1998.*)

* Abuso e violência

O abuso ou violência doméstica ocorre quando uma pessoa manifesta comportamento violento ou intimidador para controlar ou dominar outra pessoa, resultando em danos físicos, sexuais ou psicológicos, isolamento social forçado ou privação econômica ou comportamento que leve a vítima a viver sempre com medo. O abuso é mais do que apenas discussão ou divergência: inclui medo, controle, domínio, danos e ofensas.

1. Abuso físico ou violência – Os casos mais típicos são:

a. Dar socos, bater, empurrar, jogar objetos, puxar os cabelos, morder, tor-

cer os membros, dar choque, chutar, estrangular, infligir fraturas, queimar ou usar produtos químicos, etc.

b. O uso de armas como revólver ou faca.

c. Privar a pessoa de suas necessidades básicas – alimento, dinheiro, contato com outras pessoas, sono, cuidados médicos, liberdade.

d. Prática de aborto seletivo pelo sexo, assassinato de recém-nascidas – 60 milhões de mulheres desaparecidas (ONU); mutilação genital feminina – 90 milhões de mulheres e meninas africanas (Heise, 1994); escravidão sexual – 4 milhões de escravos, a maioria mulheres e meninas (UNICEF).

2. Abuso emocional – Danos ou incapacitação psicológica:

a. Palavras e comportamentos com a intenção de minar a confiança da vítima em si mesma, humilhar e reduzir sua auto-estima e destruir sua identidade.

b. Insultos quanto à aparência, capacidade de se superar ou de ser capaz de ter sucesso por si mesma. Comentários mordazes, molestamento.

c. Lavagem cerebral. A vítima passa a aceitar o abuso emocional praticado contra si mesma. Pode sentir-se culpada e sem valor pelo fato de o agressor projetar a culpa sobre ela.

d. Ameaças com o objetivo de aterrorizar, de matar a vítima ou os filhos, destruir objetos de sua propriedade ou de cometer suicídio.

e. Manipulação: torcer a verdade, dizer que a vítima é má, que é culpada, etc.

3. Abuso social – ferir a pessoa em sua posição social.

a. Abuso verbal diante de outras pessoas – rebaixamento, piadas, críticas quanto à aparência, sexualidade e inteligência.

b. Comportamento controlador, controlar o acesso de outras pessoas,

interrogatórios, acusações falsas.

c. Isolar a pessoa ao denegrir seus amigos e familiares, levando a vítima a se afastar deles por temor de que isso enfureça o agressor.

4. Abuso sexual – Todo ato sexual para o qual a pessoa adulta não dá consentimento ou todo ato sexual praticado com uma criança. Exemplos: estupro, abuso sexual, pedofilia, mutilação genital feminina.

5. Abuso ou perseguição espiritual – O agressor ataca as crenças da vítima, sua fé, ou sua fonte de poder a fim de manter o controle absoluto.

Os comportamentos abusivos podem afetar qualquer pessoa. Mulheres e crianças são, na maioria das vezes, as mais afetadas, mas as mulheres podem cometer abuso também. A violência na família independe de idade, condição socioeconômica e de grupos culturais.

Os sinais e sintomas da ocorrência de abuso incluem depressão, ansiedade, desordem de estresse pós-traumático, sonolência, desordem alimentar e sexual, desconfiança das pessoas em geral e das figuras de autoridade, perda da auto-estima, sentimento de desamparo e de falta de valor, isolamento, vícios, abusos, etc.

* Quebrando o ciclo

O abuso é cíclico e passa de uma geração para outra. Crianças que convivem com a violência aprendem a lidar com os conflitos de forma violenta. Desta forma, o abuso é modelado nas mentes como comportamento aceitável de vida. Mais tarde, elas se tornam vítimas ou agressoras, o que contribui para perpetuar o ciclo do abuso na geração seguinte.

As crianças criadas em lares violentos têm 74% a mais de possibilidade de cometer atos criminosos (Massa-

Bíblia

chusetts Department of Youth Services). Oitenta e um por cento dos homens que cometem abusos físicos tiveram pais que abusaram das esposas (New Jersey Department of Community Affairs).

O ciclo entre gerações pode ser quebrado se os pais e familiares estiverem dispostos a aprender novas formas de lidar com os conflitos.

* Boas-novas

Sendo cristãos, de que maneira devemos lidar com esse problema? Em primeiro lugar, precisamos levar em conta os seguintes aspectos:

1. A informação capacita a todos. A verdade liberta.

2. Não devemos tolerar o abuso. Ele é crime e pecado.

3. O abuso persiste onde são mantidos o segredo e o silêncio. “Abre a boca a favor do mudo, pelo direito de todos os que se acham desamparados. Abre a boca, julga retamente e faz justiça aos pobres e aos necessitados” (Prov. 31:8 e 9).

4. Deus nos convoca a agir. O abuso e a violência aumentam quando as pessoas de bem nada fazem. “Visto como se não executa logo a sentença sobre a má obra, o coração dos filhos dos homens está inteiramente disposto para praticar o mal” (Ecles. 8:11).

5. Muitos optam por ignorar o abuso e a violência. Jesus disse: “Acautelai-vos do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia. Nada há encoberto que não venha a ser revelado; e oculto que não venha a ser conhecido. Porque tudo o que dissestes às escuras será ouvido em plena luz; e o que dissestes aos ouvidos no interior da casa será proclamado dos eirados” (Luc. 12:1-3).

Com isso em mente, cumpre-nos instruir nossos filhos sobre seus direitos e responsabilidades, mostrando-lhes como evitar relacionamentos abusivos.

Também é importante que a igreja

promova seminários sobre violência doméstica, controle da ira, cura para as vítimas de abuso, relacionamentos familiares e temas sobre paternidade.

Como ajudar a vítima de abuso? Algumas sugestões:

1. Ouça a vítima ou o agressor sem fazer julgamentos. Leve a sério a informação, não importa quão importante ou poderoso seja o agressor.

2. Demonstre que você se preocupa com a pessoa e ore com ela. Peça a Deus ajuda e sabedoria para que a vítima tome a decisão correta. Creia que Deus irá ouvi-lo e reivindique Suas promessas de defender e salvar o oprimido.

3. Procure o maior número possível de opções para ajudar na comunidade. Busque os serviços de proteção contra a violência doméstica. Apresente opções às vítimas. Incentive-as a contar sua história a um médico a fim de que os danos físicos sejam documentados. Lembre as vítimas de que a violência doméstica é crime grave e que a polícia e os tribunais podem prover ajuda nessas situações.

4. Este é um período muito difícil e perigoso para a vítima. Portanto, continue ouvindo e demonstrando que a está compreendendo. Ela está com medo. Reivindique a paz de Deus, a proteção e a libertação do temor.

5. Seja qual for a decisão da vítima, dê-lhe apoio, não faça julgamento. Só ela compreende plenamente o perigo de sua situação. Portanto, mantenha o caso numa esfera confidencial.

Certa mulher, que se separara do marido por causa de maus-tratos, recebeu o seguinte conselho de Ellen White:

“Recebi tua carta, e em resposta direi: Não aconselho o teu retorno ao marido, a menos que vejas nele decidida mudança. O Senhor não Se agrada das idéias que ele tem tido quanto ao que é devido a uma esposa. ... Se ele mantém suas opiniões anteriores, o futuro não te será melhor do que o foi o passado. Ele não sabe como tra-

tar uma esposa. Sinto-me muito triste com isto. ... Não posso aconselhar-te a voltares para ele contra o teu discernimento. Falo-te com a mesma sinceridade como falei a ele; seria perigoso colocar-te outra vez debaixo da ditadura do esposo. Eu esperava que ele mudasse. ... O Senhor sabe tudo sobre tua experiência. ... Tem ânimo no Senhor; Ele não te deixará nem te desampará. Meu coração abre-se na mais terna simpatia para contigo.” – *O Lar Adventista*, págs. 343 e 344.

Uma vez que a vítima esteja em segurança, pode dedicar-se à oração e buscar aconselhamento para seu problema. O período de separação também dá tempo ao agressor para que reflita sobre seus atos.

Há também boas-novas para o agressor. Deus o ama, mas odeia o abuso. Jesus não veio para condenar, mas para salvar. Jesus veio para tirar o peso da culpa e da vergonha e para nos capacitar a amar uns aos outros.

Geralmente, quem comete abuso é porque também já foi vítima. Mas é possível quebrar esse círculo. Muitos conseguiram fazer isso. O apóstolo Paulo o conseguiu. O medo, o ódio, o controle e a amargura podem ser desfeitos quando aplicamos o amor e o perdão de Deus em nossa vida. O Evangelho é um programa de reabilitação para as vítimas e para os agressores.

* Transformados pela contemplação

Tanto as vítimas como os agressores foram picados pela serpente do pecado, e estão morrendo. Mas Deus nos salvou por meio de Jesus. Não importa se você é vítima ou agressor, olhe – apenas olhe – para a serpente sobre a haste, olhe para a visão do amor. “E Eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a Mim mesmo” (João 12:32). – Resumo e adaptação de uma palestra preparada pelo Departamento dos Ministérios da Mulher da Associação Geral. 



Declaração da Igreja Adventista do Sétimo Dia sobre violência doméstica

A violência doméstica inclui qualquer tipo de agressão – verbal, física, emocional, sexual ou negligência ativa ou passiva – cometido por uma pessoa ou pessoas contra outra dentro de uma família, quer sejam casadas, aparentadas, vivendo juntas, separadas ou divorciadas. Estudos internacionais recentes indicam que a violência doméstica é um problema global. Ocorre entre indivíduos de todas as idades e nacionalidades, em todos os níveis socioeconômicos e em famílias de todos os tipos de formação, religiosas e não-religiosas. Descobriu-se que o índice global de incidência é semelhante em cidades metropolitanas, suburbanas e rurais.

A violência doméstica manifesta-se de várias maneiras. Por exemplo, pode ser um ataque físico ao cônjuge. Agressões emocionais tais como ameaças verbais, ataques de furor, deprecição do caráter e exigências irrealistas de perfeição também são abuso. Pode assumir a forma de coerção e violência física dentro da relação sexual conjugal, ou a ameaça de violência por meio de intimidação. Inclui comportamentos como incesto e maus-tratos ou negligência de crianças pelo pai ou guardião, que resulte em insulto ou dano. A violência contra o idoso pode ser vista no abuso ou negligência física, psicológica, sexual, verbal, material e medicinal.

A Bíblia mostra com clareza que a marca distintiva do cristão é a qualidade de suas relações humanas na igreja e na família. Está no espírito de Cristo amar e aceitar, procurar incentivar e edificar os outros, ao invés de maltratar ou derrubar. Não há lugar entre os seguidores de Cristo para o controle tirânico e o abuso do poder e da autoridade. Motivados pelo amor a Cristo, Seus discípulos são chamados a mostrar respeito e consideração pelo bem-estar dos outros, aceitar homens e mulheres como iguais e reconhecer que cada pessoa tem direito ao respeito e à dignidade. A falha em relacionar-se dessa maneira com os outros viola sua personalidade e desvaloriza os seres humanos criados e redimidos por Deus.

O apóstolo Paulo se refere à igreja como “a família da fé”, que funciona como uma família ampliada, oferecendo aceitação, compreensão e conforto, principalmente a todos aqueles que estão sofrendo ou em desvantagem. As Escrituras retra-

tam a igreja como uma família onde o crescimento pessoal e espiritual ocorre à medida em que os sentimentos de traição, rejeição e pesar dão lugar a sentimentos de perdão, confiança e integridade. A Bíblia fala também da responsabilidade pessoal do cristão de proteger-se da profanação de seu corpo, que é um templo, o lugar da habitação de Deus.

Lamentavelmente, a violência doméstica ocorre em muitos lares cristãos. Ela jamais pode ser justificada. Afeta severamente, a longo prazo, a vida de todos os envolvidos e freqüentemente resulta em percepções distorcidas de Deus, de si mesmo e dos outros.

Creemos que a igreja tem a responsabilidade de:

1. Interessar-se pelas vítimas da violência doméstica e mostrar sensibilidade às suas necessidades. Para isso, a igreja deve:

a. Ouvir e aceitar aqueles que sofrem de abuso, amando-os e amparando-os como pessoas de valor e dignidade.

b. Realçar as injustiças dos maus-tratos e falar em defesa das vítimas, tanto dentro da comunidade de fé quanto na sociedade.

c. Oferecer um ministério que apóie as famílias afligidas por violência e maus-tratos. A igreja deve prover acesso para as vítimas e os agressores ao aconselhamento profissional adventista onde for disponível, ou a profissionais da sociedade.

d. Incentivar o treinamento e o oferecimento de servi-

Abuso sexual contra menores

O abuso sexual infantil ocorre quando uma pessoa maior ou mais forte do que uma criança usa seu poder, autoridade ou posição de confiança para envolvê-la em atividade ou comportamento sexual. O incesto, forma específica de abuso sexual infantil, é definido como qualquer atividade sexual entre uma criança e um pai, irmão, membro da família ou padrasto.

Os que cometem abusos sexuais podem ser homens ou mulheres de qualquer idade, nacionalidade ou posição socioeconômica. Geralmente, trata-se de homens casados, com filhos, que têm empregos respeitáveis e podem ser freqüentadores regulares de igreja. É comum o infrator negar seu comportamento abusivo, recusar-se a ver suas ações como um problema, racionalizar seu comportamento ou pôr a culpa em alguém ou em algo. É verdade que muitos deles têm raízes profundas de insegurança e baixa auto-estima; no entanto, esses problemas jamais podem ser aceitos como desculpa para abusar sexualmente de uma criança. A maioria das autoridades no assunto concorda que o verdadeiro motivo do abuso sexual infantil está mais relacionado com o desejo de poder e controle do que com o sexo.

Quando Deus criou a família humana, começou com a união entre um homem e uma mulher. Esse relacionamento, baseado no amor e confiança mútuos, ainda é designado para prover o fundamento para uma família estável e feliz, na qual a dignidade, o valor e a integridade de cada membro estejam protegidos e assegurados. Cada criança, quer menino ou menina, é um presente de Deus. Os pais têm o privilégio e a responsabilidade de prover educação, proteção e cuidado físico à criança que Deus lhes confiou. As crianças precisam encontrar condições de honrar e respeitar os pais, confiando neles e em outros membros da família, sem o risco de abuso.

ços profissionais adventistas autorizados tanto para os membros da igreja quanto para a comunidade.

e. Oferecer um ministério de reconciliação quando o arrependimento do agressor abrir a possibilidade de perdão e a restauração dos relacionamentos. O arrependimento sempre inclui aceitação de plena responsabilidade pelos danos cometidos, disposição de restituição de todas as maneiras possíveis e mudança no comportamento a fim de eliminar o abuso.

f. Focalizar a luz do evangelho sobre a natureza dos relacionamentos marido-esposa, pai-filho e outros relacionamentos íntimos, e habilitar os indivíduos e famílias a crescerem juntos nos ideais de Deus para sua vida.

g. Evitar o ostracismo das vítimas e dos agressores dentro da família ou da comunidade, embora responsabilizando firmemente os agressores por suas ações.

2. Fortalecer a vida familiar. Isso se consegue por meio de:

a. Orientação sobre a vida familiar, enfatizando a generosidade, abrangendo uma compreensão bíblica da reciprocidade, igualdade e respeito indispensáveis aos relacionamentos cristãos.

b. Compreensão dos fatores que contribuem para a violência na família.

c. Desenvolvimento de maneiras de prevenir o abuso e a violência, e de quebrar o ciclo repetitivo observado frequentemente dentro das famílias, por várias gerações.

d. Correção de crenças religiosas e culturais usadas frequentemente para justificar ou encobrir a violência na família. Por exemplo, embora os pais sejam instruídos por Deus a corrigir seus filhos e salvá-los, essa responsabilidade não dá direito ao uso de medidas disciplinares ásperas e punitivas.

3. Aceitar a responsabilidade moral de estarmos alerta e de reagirmos ao abuso nas famílias de nossas congregações e comunidades, declarando que tal comportamento abusivo é uma violação das normas de vida adventista. Nenhuma indicação ou informação de abuso deve ser minimizada, e sim considerada seriamente. Se os membros da igreja permanecerem indiferentes ou passivos, estarão justificando, perpetuando e possivelmente aumentando a violência doméstica.

Se devemos viver como filhos da luz, devemos iluminar as trevas onde a violência familiar ocorre em nosso meio. Devemos cuidar uns dos outros, mesmo quando for mais fácil não nos envolvermos. 🌐

A declaração acima é baseada em princípios expressos nas seguintes passagens escriturísticas: Êxo. 20:12; Mat. 7:12; 20:25-28; Mar. 9:33-45; João 13:34; Rom. 12:10 e 13; I Cor. 6:19; Gál. 3:28; Efés. 5:2, 3, 21-27; 6:1-4; Col. 3:12-14; I Tes. 5:11; I Tim. 5:5-8.

Esta declaração foi votada pela Comissão Administrativa da Associação Geral em 27 de agosto de 1996 e enviada para consideração pelo Concílio Anual realizado em São José, Costa Rica, de 1º a 10 de outubro de 1996.

A Bíblia condena vigorosamente o abuso sexual infantil. Considera um ato de traição e uma violação total da personalidade qualquer tentativa de confundir, manchar ou denegrir os limites pessoais ou sexuais pelo comportamento sexual abusivo. Condena o abuso de poder, autoridade e responsabilidade, porque isso tem um impacto nos sentimentos mais profundos da vítima sobre si própria, os outros e Deus, e porque enfraquece sua capacidade de amar e confiar. Jesus usou uma linguagem forte para condenar as ações de pessoas que, por palavras ou atos, levem uma criança a tropeçar.

A comunidade cristã adventista não está imune ao abuso sexual infantil. Cremos que os princípios da fé adventista requerem que estejamos ativamente envolvidos na sua prevenção. Estamos também comprometidos em ajudar espiritualmente as pessoas que sofreram ou cometeram abuso sexual e suas famílias no processo de cura e recuperação. E estamos comprometidos em assegurar que os obreiros ou líderes voluntários sejam responsáveis por manter um comportamento apropriado a pessoas em posição de liderança e confiança espiritual.

Creemos que, como igreja, temos a responsabilidade de:

1. Manter os princípios de Cristo para as relações familiares, nas quais o respeito próprio, a dignidade e a pureza da criança são reconhecidos como direitos conferidos por Deus.

2. Prover uma atmosfera onde crianças que sofreram abuso sexual possam sentir-se seguras ao falarem sobre o abuso e sentir que alguém as ouvirá.

3. Estar informados sobre o abuso sexual e seu impacto sobre nossa própria comunidade.

4. Ajudar ministros e líderes leigos a reconhecer os sinais de aviso de abuso sexual infantil e saber como reagir de maneira apropriada quando suspeitarem de abuso ou quando uma criança contar que está sofrendo abuso sexual.

5. Estabelecer pontes com conselheiros profissionais e entidades afins que possam ajudar as vítimas de abuso e seus familiares.

6. Criar diretrizes nos níveis apropriados para ajudar líderes de igreja a: (1) esforçar-se por tratar com justiça pessoas acusadas de abusar sexualmente de crianças; e (2) responsabilizar os agressores por suas ações e administrar a disciplina apropriada.

7. Apoiar a educação e o enriquecimento das famílias e seus membros. Isso pode ser feito por meio dos seguintes passos:

a. Modificando as crenças religiosas e culturais que possam ser usadas para justificar ou encobrir o abuso sexual infantil.

b. Construindo um senso saudável de valor pessoal em cada criança de tal modo que ela se capacite a respeitar a si mesma e aos outros.

c. Promovendo relacionamentos cristãos entre homens e mulheres no lar e na igreja.

8. Dentro da comunidade da igreja, desenvolver um ministério redentor de apoio para as vítimas de abuso e os agressores, ajudando-os a acessar a rede disponível de recursos profissionais na comunidade.

9. Encorajar o treinamento de mais profissionais na área familiar para facilitar a cura e o processo de recuperação das vítimas de abuso e dos agressores.

Este documento está baseado em princípios expressos nas seguintes passagens bíblicas: Gên. 1:26-28; 2:18-25; Lev. 18:20; II Sam. 13:1-22; Mat. 18:6-9; I Cor. 5:1-5; Efés. 6:1-4; Col. 3:18-21; I Tim. 5:5-8.

Esta declaração foi votada em 1º de abril de 1997, durante o Concílio da Primavera da Comissão Executiva da Associação Geral, realizado em Loma Linda, Califórnia.



Violência contra

crianças

O que a induz e como enfrentar o problema

por Beatriz B. de Calafiore

A violência implica o uso da força – psicológica, física ou econômica – para produzir um dano, e manifesta-se como forma patológica de exercício do poder. A violência é um fenômeno que se aprende como modo de reação, como forma de resolução de conflitos e até como maneira de se comunicar, manifestando-se em todo tipo de vínculos.

Dentro do contexto familiar, é chamada também violência doméstica, e se manifesta por meio de ações ou omissões de um ou mais membros que subestimam a integridade física,

psíquica ou a liberdade do outro, e que produzem danos expressivos.

Levando em conta estas idéias, considera-se maus-tratos contra crianças a todas as ações ou omissões que ocasionem dificuldades no desenvolvimento físico, psíquico ou social. Uma criança – menor de 18 anos – é maltratada ou agredida quando sua saúde física, psíquica ou sua segurança está em perigo, seja porque se faça ou se deixe de fazer algo. Essas ações podem ser realizadas pela mãe ou pelo pai, ou demais adultos responsáveis pelo cuidado dos menores.

A criança é o ser mais frágil entre os indivíduos que vivem em sociedade. Ela tem uma relação de dependência com o adulto que a faz muito suscetível

de ser dominada, submetida, tendo que aceitar situações sem poder se distanciar nem impor limites a tempo.

As situações de violência podem ser vividas em qualquer família de diferentes classes sociais, econômicas ou políticas, de dentro ou de fora de nossa igreja, em países do primeiro mundo, em países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento.

As estatísticas assustam. A UNICEF estima que 70% das crianças e adolescentes recebem maus-tratos físicos dentro de seu núcleo familiar, e que a maior porcentagem se encontra entre crianças menores de três anos, e até em bebês, por chorar ou se negar a tomar mamadeira.

Os tipos mais comuns de maus-tratos a crianças são: físicos, abuso emocional ou sexual, abandono físico ou

emocional, negligência nos cuidados e ter que testemunhar atos violentos.

Violência física

Trata-se de uma forma evidente de maus-tratos. Consiste em agressão física que deixa marcas visíveis no corpo da criança. Esse tipo de violência pode ser efetuado pelo adulto, diretamente, ou com um objeto, como por exemplo, metais quentes, objetos pontiagudos, chicotes, cintas, fios de metal, paus, água fervente, etc. O abuso físico ocorre mediante qualquer trauma, lesão ou ação não accidental por parte de um adulto, que provoque lesão física ou doença ao menor, ou que o coloque em grave risco de sofrer-las como consequência de alguma negligência intencional. Pode-se tratar de queimaduras, contusões, hematomas, mordidas, entorses, deslocamento de extremidades, cortes, espetadas, lesões internas, asfixia, etc. É importante saber que nem sempre esse tipo de violência deixa marcas. Frequentemente, representa castigo corporal severo ou injustificado, que ocorre, em geral, quando o adulto se sente frustrado, furioso e bate na criança ou a empurra violentamente. O dano pode decorrer de um só episódio ou de vários, de magnitudes e características variáveis.

Na maioria dos casos, a violência física não é um mero ato físico para com a criança, mas um padrão estabelecido de comportamento, um estilo que o adulto demonstra para castigar ou disciplinar a criança. Quanto mais tempo durar essa situação, mais sérios serão os golpes que a criança receberá e mais difícil será eliminar a conduta abusiva do maior.

Negligência

Neste tipo de ocorrência as necessidades básicas do menor não são atendidas adequadamente por nenhum adulto do grupo familiar ou de convivência. A negligência consiste em faltar aos deveres de prover adequadamente o abrigo, a alimentação, vestuário, educação, orientação, cui-

dados médicos, comunicação; não considerar suas necessidades evolutivas, com falta de estímulos cognitivos ou quaisquer outras necessidades básicas para o desenvolvimento das capacidades físicas, intelectuais ou emocionais de uma criança. No caso extremo está o abandono físico e/ou emocional.

A negligência dos pais pode estar associada a ignorância, déficits sócio-econômicos estruturais e, também, a atitudes intencionais combinadas com os demais fatores.

Violência emocional

Tem a ver com a violência verbal habitual a uma criança por meio de insulto, crítica, ameaça, humilhação, menosprezo, descrédito e zombaria. Também abrange o isolamento – seja evitando a criança ou prendendo-a a indiferença e a rejeição implícita ou explícita. Além disso, inclui-se como maus-tratos ou violência emocional a ameaça que possa causar comprometimento no desenvolvimento social, emocional ou intelectual da criança e o constante bloqueio das iniciativas de interação da criança com o adulto. É importante reconhecer que pode existir violência emocional ou psicológica sem violência física, mas na ocorrência desta, sempre há violência emocional. Portanto, neste caso, fala-se em maus-tratos mistos.

As agressões verbais reiteradas de desprezo ou insultos, com palavras grosseiras, vão provocando uma baixa na auto-estima e perturbações na personalidade, como timidez, agressividade, mau humor, problemas de conduta, alterações escolares, etc., que a criança vai manifestando em seu meio ambiente mais próximo, como o lar, a escola, a igreja ou com os amigos.

No extremo da violência emocional está o abandono emocional, que consiste na falta persistente de resposta às expressões emocionais e condutas que busquem uma aproximação por parte da criança, e à falta de iniciativa de interação e contato por parte de uma figura adulta estável.

Abuso sexual

É a utilização de uma criança para experimentar prazer ou satisfação

sexual. Inclui qualquer tipo de prazer sexual de um adulto com uma criança, não sendo necessário haver contato físico. Basta a utilização de uma criança como objeto de estímulo à satisfação sexual. Noventa por cento dos abusadores sexuais adultos são masculinos e mais de 80% são pessoas conhecidas da criança. Por isso, é habitual que este problema ocorra dentro do âmbito familiar ou de amizades próximas.

Inclui o incesto, a violação, penetração oral, anal ou vaginal, o assédio, o contato corporal, as carícias ou toques inadequados, a estimulação verbal e visual impróprias, fotografar ou mostrar fotografias pornográficas, ou obrigar a criança a presenciar atos sexuais adultos, exhibir-se nu diante do menor com a finalidade de excitar-se, ou, com o mesmo fim, fazer com que a criança o observe ao se vestir ou se desvestir quando estiver no banheiro.

Carol Carrel menciona seis etapas de interação abusiva:

1. Aproximação: mediante uma relação especial, presentes ou passar tempo a sós. Os abusadores são pessoas muito hábeis para tratar com as crianças.

2. Sensações físicas especiais: abraços prolongados, beijos e carícias íntimas, masturbação.

3. Segredos: os abusadores utilizam subornos, ameaças, acusações e tortura.

4. Atividade sexual: costuma começar com nudez ou imagens pornográficas, podendo haver contato físico ou não.

5. Revelação: a criança não entende o que acontece. Sente-se culpada por não haver falado no princípio e, finalmente, conta a um terceiro o que está acontecendo.

6. Repressão: por medo das consequências, a criança se arrepende de haver falado. Necessita de segurança física e emocional, já que é um momento muito traumático.

Ainda que seja difícil falar de prevenção nestes casos, é importante insistir nela, através da educação familiar cotidiana. Deve-se falar claramente com a criança sobre os temas de sexualidade, sem tabus nem preconceitos. É necessário escutar suas dúvidas e responder às suas perguntas com

simplicidade e serenidade. Entre outras coisas, deve-se instruir a criança para que aprenda a:

a. Evitar situações de risco, tais como oferecimentos de ajuda, convites, presentes ou propostas secretas da parte de desconhecidos.

b. Ser respeitoso com seu corpo, mantendo limites e intimidade apropriados.

c. Confiar nos pais e desenvolver boa comunicação com eles.

d. Reconhecer a diferença entre expressão de carinho e carícia sexual; entre toques bons e os maus e secretos.

e. Dizer não, sem ter que depender dos adultos para decidir ou atuar em todo momento.

“E quem fizer tropeçar a um destes pequeninos que crêem em Mim melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse lançado no mar.”
Mar. 9:42.



Fatores que podem contribuir para a agressão infantil

Não há uma única razão que induza maus-tratos a uma criança, mas há múltiplas causas, manifestações e efeitos do fenômeno da violência. Quanto maior for a quantidade de fatores de risco, maior será a probabilidade de que se apresentem os maus-tratos.

Entre os fatores de risco que mais comumente se observam nos pais, estão os seguintes:

a. Transtornos psicopatológicos.

b. Pais que foram maltratados na infância.

c. Pais que sofreram carência afetiva em sua própria infância.

d. Relações conjugais violentas.

e. Pais que carecem de educação quanto aos cuidados com as crianças.

f. Pais que se preocupam excessivamente pelos aspectos da conduta e a obediência, em detrimento das necessidades exploratórias das crianças.

g. Pais pouco dedicados aos filhos ou com excesso de vida social.

h. Pais com baixa auto-estima.

i. Pais impulsivos, que passam rapidamente à ação.

j. Pais com diversos vícios.

k. Pais com falta de empatia, pouca tolerância ao estresse e com estratégias de disciplina inadequadas.

As crianças também podem apresentar características favoráveis a maus-tratos contra elas. Pode haver maior probabilidade de maus-tratos para:

a. Bebês prematuros – ou não – que choram incessantemente e são difíceis de consolar.

b. Crianças com deficiências físicas ou psíquicas.

c. Crianças com enfermidades freqüentes e severas.

d. Crianças hiperativas e de temperamento difícil.

e. Crianças retraídas.

f. Crianças com problemas do sono ou da alimentação.

g. Filhos indesejados ou de famílias numerosas.

h. Menores de três anos.

i. Filhos alheios criados por pais substitutos.

Entre os fatores de risco que ultrapassam o âmbito familiar, mas que a ele influenciam diretamente e pertencem ao sistema socioeconômico e cultural, podem-se mencionar:

a. Excesso ou falta de trabalho.

b. Insatisfação e tensões trabalhistas.

c. Isolamento social.

d. Apoio social insuficiente.

e. Classe social do grupo familiar.

f. Bairro, vizinhança e tipo de moradia.

g. Promiscuidade e delinqüência.

h. Crise econômica.

i. Atitude equivocada da sociedade ante a violência e o castigo físico na disciplina.

j. Valores distorcidos quanto à infância, família, mulher, paternidade e maternidade.

Conseqüências dos maus-tratos a crianças

a. **Físicas:** má imagem de si mesma, auto-estima pobre, timidez, medo, comportamentos agitados, ansiedade, angústia, estresse, inadaptação, problemas de atenção e compreensão de instruções, tristeza, falta de motivação, comportamentos auto-destrutivos, agressividade, destrutividade, desvios sociais.

b. **Emocionais:** medos, ansiedade crônica, baixa auto-estima, sentimentos de inferioridade, de inadequação, de insegurança, perceber o mundo como ameaçador, tristeza, frustração, dificuldades para desfrutar e sentir prazer, sentimentos de fracasso e vergonha frente às dificuldades de aprendizagem, depressão.

c. **Negligência:** costuma ser acompanhada de maus-tratos físicos e da mensagem de que a criança não é digna de amor e de respeito, provocando baixa auto-estima, sentimentos de inferioridade, de inadequação, tristeza e ansiedade crônica. A criança estará



Testemunhas de violência

Crianças também podem ser afetadas por situações de violência física, verbal ou psicológica crônica que presenciam entre seus pais ou adultos com os quais convivem. As conseqüências e os transtornos que se observam nestes menores são similares aos que mostram os que são vítimas diretas da violência.



mais propensa a evidenciar atraso no desenvolvimento cognitivo por falta de estímulo e por desqualificação permanente.

d. Testemunhas de violência: as crianças podem apresentar sintomas similares aos outros tipos de maus-tratos.

e. Abuso sexual: o contexto familiar torna-se inseguro, confuso, ameaçador. O abuso sexual altera as percepções da criança, suas emoções, sua imagem de si mesma e sua visão de suas próprias capacidades afetivas e do mundo familiar. Isto lhe produz estresse, angústia e perda de energia. Podem aparecer sintomas psicossomáticos, medos, fobias, terrores noturnos, incontinência urinária, amenorréia (ausência de fluxo menstrual), anorexia, vícios, agressividade e conduta auto-destrutiva. Nas reações emocionais, observam-se bloqueios, fugas, transtornos da identidade sexual, crises de ira, desinteresse, perda da curiosidade e distúrbios da memória, atenção e concentração, com quedas no rendimento escolar. Quanto ao sexo, podem apresentar conduta erotizada, sedução inapropriada, dificuldade na escolha de parceiro, masturbação precoce e exacerbada, promiscuidade e prostituição.

Em caso de situações em que se suspeite de abuso sexual, é importante considerar o seguinte:

a. Escutar e levar a sério o que a criança diz. Animá-la e mostrar-lhe confiança, para que diga a verdade e fale com liberdade.

b. Não julgá-la nem fazê-la se sentir culpada.

c. Não levá-la a se sentir alarmada ou com vergonha.

d. Não pressioná-la. É necessário apoiá-la e evitar perguntar-lhe muitos detalhes.

e. Solicitar apoio profissional – médico, psicológico ou especialista – para ajudar a criança e toda a família a tratar o problema. Preparar a criança para essa ajuda, para que possa contar o ocorrido a outros.



WILLIAM DE MORAES

f. Denunciar às autoridades o fato e a pessoa que abusou sexualmente da criança.



O que podemos fazer

Tanto de forma pessoal, como familiar e eclesiástica, podemos fazer muito para prevenir esse problema e, sendo detectado, ajudar a minimizar suas seqüelas.

A identificação e o tratamento a tempo são importantes para diminuir a longo prazo as conseqüências do abuso. Os profissionais da saúde de crianças e adolescentes podem realizar avaliação compreensiva e sugerir o tratamento para crianças que sofreram o abuso. Podem ajudar a família a aprender novas formas de se apoiar e se comunicar uns com os outros. Mediante um tratamento, a criança pode começar a recuperar seu sentido de confiança em si mesma e nos outros, e a família pode começar a aprender novas formas de se relacionar.

Como adultos e como igreja, funcionamos como um grupo de contensão social e espiritual para crianças e adolescentes. Não deveríamos permanecer neutros nem atuar com evasivas e alimentar a violência por meio de nossa debilidade, covardia ou silêncio. É preciso ousadia para atuar e falar, enfrentando a verdade com amor fraternal.

A fim de prevenir situações de maus-tratos, é preciso

pensar em formas de compensação aos fatores de risco antes mencionados. Alguns meios de combatê-los podem ser:

a. Em primeiro lugar, é necessário rever nossas próprias atitudes no controle da conduta das crianças e adolescentes, modelos estereotipados sobre criação dos filhos, e a aceitação da violência como forma de resolução de conflitos e disciplina.

b. Deve-se elaborar as experiências de maus-tratos na própria infância.

c. Desenvolver habilidades interpessoais saudáveis e talentos especiais, estimulando por todos os meios a confiança e a auto-estima das crianças.

d. Procurar estabilidade afetiva e segurança econômica no casal que se dispõe a ter filhos.

e. Ter uma afiliação religiosa.

f. Promover normas opostas ao uso da violência, e um sentido de responsabilidade compartilhada no cuidado e educação das crianças.

g. Organizar em nossas igrejas e escolas cursos e seminários sobre resolução de conflitos, comunicação familiar, disciplina e prevenção de abusos. 🌐

Beatriz de Calafiore, argentina, é psicopedagoga e licenciada em Psicologia. E-mail: beatrizcalafiore@ciudad.com.ar

VIOLÊNCIA

entre quatro paredes

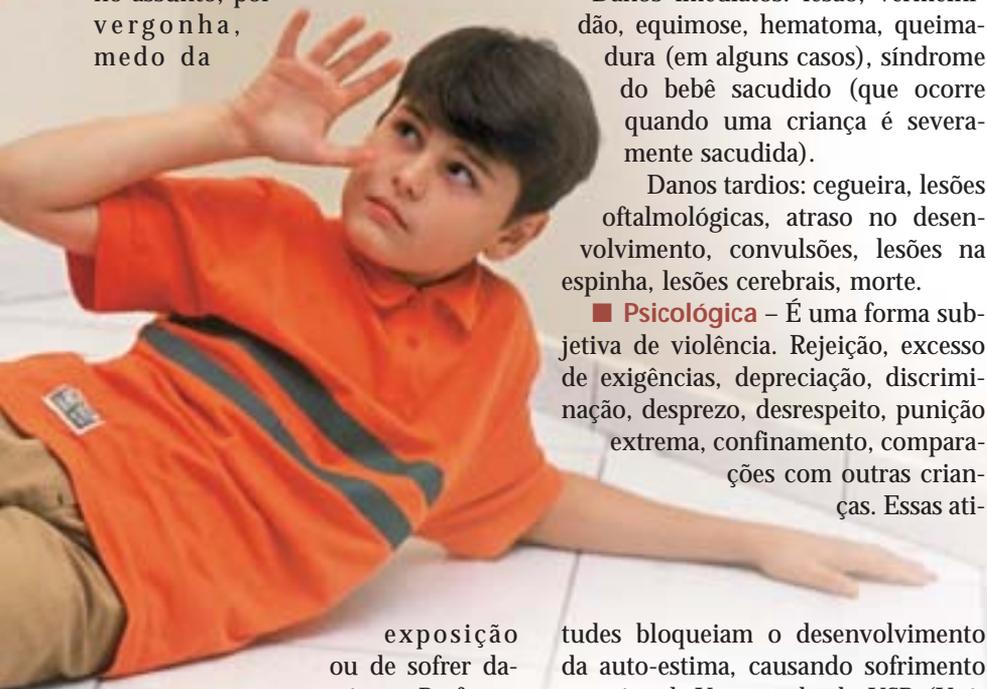
DANIEL OLIVEIRA



*Maneiras mais
frequentes de violência
doméstica e seus efeitos*

por Sueli Ferreira de Oliveira

Lar deve ser sinônimo de proteção e segurança. No entanto, infelizmente, muitas vezes é palco de cenas terríveis de violência. No Brasil, como em outros cantos do mundo, sem distinção entre cultura, raça, cor, sexo ou situação social, inúmeras pessoas são vítimas de violência doméstica. São inúmeras mesmo, porque não se pode contar a quantidade exata. Se há denúncia, há registro. Mas a verdade é que muitas famílias estão esfaceladas devido à violência doméstica e ainda assim evitam falar no assunto, por vergonha, medo da



exposição ou de sofrer danos maiores. Preferem o silêncio. Há também nítidos casos de violência em casa que são atendidos em hospitais e prontos-socorros como acidentes domésticos. Sendo assim, não se pode contabilizar com precisão o número de vítimas desse mal. No entanto, existe algo certo e cruel: apesar de serem inferiores à realidade, os dados a respeito da violência doméstica são assustadores.

Que tipos de violência podem ser encontrados dentro de casa?

■ **Física** – Corresponde ao emprego da força com o objetivo claro ou não de ferir, deixando ou não marcas evidentes. Abrange espancamentos, murros, tapas, agressões com objetos

e queimaduras com objetos ou líquidos quentes. Alguns agressores chegam a amarrar as crianças com cordas ou correntes. Uma simples palmada é considerada ato violento? Há discussões entre os educadores a esse respeito, mas muitos consideram violência desde a palmada até agressões com armas brancas, fogo e instrumentos, como varas, chinelos, tamancos, barra de ferro, além de socos e pontapés. A legislação de alguns países proíbe a punição corporal de qualquer natureza, a fim de evitar, além de machucados físicos, traumas emocionais. E essa tem sido uma tendência mundial.

Danos imediatos: lesão, vermelhidão, equimose, hematoma, queimadura (em alguns casos), síndrome do bebê sacudido (que ocorre quando uma criança é severamente sacudida).

Danos tardios: cegueira, lesões oftalmológicas, atraso no desenvolvimento, convulsões, lesões na espinha, lesões cerebrais, morte.

■ **Psicológica** – É uma forma subjetiva de violência. Rejeição, excesso de exigências, depreciação, discriminação, desprezo, desrespeito, punição extrema, confinamento, comparações com outras crianças. Essas ati-

tudes bloqueiam o desenvolvimento da auto-estima, causando sofrimento emocional. Um estudo da USP (Universidade de São Paulo) também classifica as ameaças de abandono como “tortura psicológica”, pois geram medo e ansiedade.

Danos imediatos: pesadelos repetitivos, ansiedade, raiva, culpa, vergonha, medo do agressor e de pessoa do mesmo sexo, quadros fóbico-ansiosos e depressivos agudos, queixas psicossomáticas, isolamento social e sentimentos de estigmatização.

Danos tardios: aumento significativo na incidência de transtornos psiquiátricos, dissociação afetiva, pensamentos invasivos, ideação suicida e fobias mais agudas, níveis intensos de ansiedade, medo, depres-

são, isolamento, raiva, hostilidade e culpa, sensação crônica de perigo e confusão, pensamento ilógico, imagens distorcidas do mundo e dificuldade de perceber realidade, redução na compreensão de papéis complexos e dificuldade para resolver problemas interpessoais.

■ **Negligência** – Omissão em prover as necessidades básicas para o desenvolvimento da criança. Isso inclui necessidades físicas, como alimentação, medicamento, higiene, vestuário adequado, ambiente limpo; e necessidades emocionais, como atenção, carinho, rotina, interação entre pais e filhos, desenvolvimento em vários aspectos, e instrução acadêmica.

Danos imediatos: deficiências alimentares, atraso nas vacinas, perda de documentos, falha em providenciar cuidados médicos, deixar criança sozinha ou fora da escola.

Danos tardios: desenvolvimento deficitário.

■ **Sexual** – Indução da criança a práticas sexuais com ou sem violência física; atentado ao pudor e atos libidinosos. Joguinhos sexuais, a fim de estimular a criança sexualmente, também são uma espécie de violência. Esse tipo de abuso faz com que a criança tenha dificuldades para entender a sexualidade saudável, quando chegar à idade adulta.

Danos imediatos: distúrbios do sono, de aprendizagem, de alimentação e conduta isolada, compulsão por banhos e atividade masturbatória, sintomas psicóticos, ansiedade, depressão, gestos repetitivos, comportamento obsessivo-compulsivo, sentimentos de rejeição, confusão, humilhação, vergonha e medo.

Danos tardios: uso de drogas, promiscuidade, disfunções sexuais, disfunções menstruais, imagem corporal pobre, comportamento autodestrutivo, baixa auto-estima, culpa, sentimento de vergonha e traição, homossexualismo, distúrbios psiquiátricos. 🌐

Sueli Ferreira de Oliveira é editora da Revista Nosso Amiguinho.



Quando uma pessoa sofre, quase sempre pergunta: Por que isso está acontecendo comigo?

por Marie M. Forture

A crise da violência na família afeta física, psicológica e espiritualmente a pessoa. Cada uma dessas dimensões deve ser tratada, tanto das vítimas como do agressor. A abordagem apenas da perspectiva secular ou religiosa deixará sem serem consideradas certas necessidades e questões. Isso reflete grave falta de compreensão da natureza da violência na família e seu impacto na vida das pessoas. O tratamento das famílias vítimas de violência e abuso requer a integração das necessidades da pessoa como um todo. Assim, não pode ser por demais enfatizada a importância de desenvolver uma compreensão compartilhada e cooperação entre aqueles que prestam ajuda, no âmbito secular e religioso, no trato da violência familiar.

Veza por outra, o assistente social, psicoterapeuta ou outro provedor secular de serviços indagará: “Por que, afinal, se preocupar com questões religiosas?” A resposta é muito prática: as questões ou preocupações religiosas são essenciais para as pessoas que passam por uma crise. Se não forem satisfeitas de alguma forma, em algum momento se tornarão empecilhos aos esforços da vítima no sentido de resolver a crise e seguir adiante. Além disso, as crenças religiosas da pessoa e a comunidade da fé podem prover um sistema essencial de apoio para a vítima e sua família, em meio a uma experiência de violência doméstica.

Para o pastor, sacerdote, rabino, conselheiro leigo ou quem quer que analise a violência doméstica a partir da perspectiva religiosa, há uma pequena questão sobre a importância das preocupações religiosas: isso é vital para toda pessoa devota. Alguns chegam a duvidar da importância de se prover abrigo, segurança, intervenção e tratamento, ao afirmarem: “Essas pessoas simplesmente necessitam endireitar a vida com Deus, e tudo ficará bem.” Essa perspectiva deixa de considerar

o fato de que essas outras questões são igualmente práticas e importantes. A violência na família é algo complexo e potencialmente danoso. Essas preocupações aparentemente mundanas representam necessidades imediatas e fundamentais.

Quando confrontada, por experiência própria, com a violência doméstica, assim como com qualquer outra crise, quer crônica ou súbita, a maioria

WILLIAM DE MORAES

Questões religiosas

relacionadas com a violência

das pessoas também experimenta uma crise de identidade em sua vida. Surgem as perguntas fundamentais da vida, que normalmente são articuladas em termos religiosos ou filosóficos: “Por que isso está acontecendo comigo e com minha família?” ou “Por que Deus permitiu que isso acontecesse?” ou “Que significado tem isso na minha vida?” Estas perguntas são indícios dos esforços que a pessoa faz para compreender, para buscar significado na experiência de sofrimento e para colocar a experiência em um contexto significativo em sua vida. Essas perguntas devem ser vistas como sinal saudável, uma vez que representam um esforço para compreender e contextualizar a experiência da violência na família e assim recobrar algum controle sobre sua vida em meio à crise.

Para aqueles que enfrentam a violência na família, as preocupações religiosas podem tornar-se barreiras ou recursos, visto que essas preocupações são centrais na vida de muitas pessoas. A resposta depende de como são tratadas.

Questões bíblicas e teológicas

A experiência da dor física ou psicológica ou da privação pode, de forma geral, ser mencionada como “sofrimento”. Quando uma pessoa experimenta o sofrimento, muitas vezes a primeira pergunta é: “Por que estou sofrendo?” Na verdade, trata-se de duas perguntas: “Por que há sofrimento?” e “Por que eu?” Estas são questões teológicas clássicas para as quais não há respostas totalmente satisfatórias.

Algumas vezes, a pessoa responderá a essas perguntas em termos de relacionamentos de causa e efeito muito específicos: “Meu marido está praticando abuso contra mim como uma espécie de punição de Deus porque há 20 anos, quando eu tinha 17 anos, tive relações sexuais com um homem com o qual não era casada.”

Neste caso, a vítima do abuso vê seu sofrimento como punição justa para algum evento ocorrido há muitos anos e pelo qual a pessoa ainda se sente culpada. Essa explicação tem uma

qualidade quase supersticiosa. É reflexo do esforço por parte da mulher de fazer sentido em sua experiência do abuso praticado por seu marido. Sua explicação usa o efeito (o abuso) e busca uma “causa” provável (seu “pecado” na adolescência), e associa diretamente os dois. Essa conclusão baseia-se em um conjunto de pressuposições teológicas que sustentam sua visão: Deus é juiz severo que busca retribuir seus pecados pelo sofrimento ao infligir-lhe essa punição.

Infelizmente, a explicação da mulher não focaliza a natureza real de seu sofrimento (ex.: abuso por parte de seu marido). Também não coloca a responsabilidade pelo sofrimento onde deveria ser colocada: no marido agressor.

Algumas vezes, as pessoas tentam explicar seu sofrimento ao dizer que é a “vontade de Deus” ou “parte do plano de Deus para minha vida” ou “a forma de Deus me ensinar uma lição”. Essas explicações presumem que Deus é severo, inflexível e até mesmo cruel e arbitrário. Essa imagem de Deus é contrária à imagem bíblica de um Deus bondoso, misericordioso e amoroso. Nesse ensino bíblico, Deus não escolhe ninguém para sofrer por causa do sofrimento, porque isso não Lhe agrada.

Aqui, é oportuno fazer distinção entre o sofrimento voluntário e o sofrimento involuntário. Alguém pode optar por sofrer abuso ou indignidade a fim de realizar um grande bem. Por exemplo, o Dr. Martin Luther King Jr. sofreu muito a fim de mudar o que ele cria serem leis racistas injustas. Embora o abuso que sofreu não tivesse justificativa, voluntariamente escolheu-o como um meio para um fim.

O sofrimento involuntário que ocorre quando a pessoa é espancada, estupro ou abusada, especialmente no relacionamento familiar, também não pode ser justificado e nunca o é por opção. Em certas ocasiões pode ser suportado pela vítima por vários motivos, incluindo a crença de que, ao suportá-lo, irá contribuir para “mudar” o agressor. No entanto, essa crença é irreal e geralmente apenas reforça o abuso.

A tradição cristã ensina que o sofrimento acomete as pessoas devido à

malignidade e ao pecado no mundo. Infelizmente, quando alguém manifesta comportamento agressivo, outra pessoa será vítima do ataque e sofrerá. Empenhar-se por viver uma vida justa não é garantia de proteção, por causa da pecaminosidade do outro. A pessoa pode acreditar que sofre por haver tomado uma decisão errônea (ex.: casar-se com um cônjuge agressor). Mas isso não significa que a pessoa deseja ou mereça sofrer o abuso.

Nos ensinamentos cristãos, em lugar algum Deus promete que não teremos sofrimento nesta vida. Nas Escrituras, Deus promete estar conosco quando sofremos. Isto fica especialmente evidente nos Salmos que dão testemunho vívido das experiências do povo fiel a Deus em meio ao sofrimento (ver Salmos 22 e 55).

O medo de ser abandonado por Deus é muitas vezes forte quando a pessoa experimenta o sofrimento e o abuso. Esse temor é geralmente experimentado pela vítima do abuso, a qual muitas vezes se sente abandonada por quase todos: amigos, outros membros da família, clero, médicos, polícia, advogados e conselheiros. Talvez nenhum deles creu nos membros da família nem foi capaz de ajudar. Assim sendo, é muito comum as vítimas concluírem que Deus também as abandonou. Para os cristãos, a promessa de Deus é: embora os outros os tenham abandonado, Deus é fiel. Esta mensagem se encontra em Romanos: “Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rom. 8:38-39). Muitas vezes essa certeza ajuda, e muito, as vítimas de violência ou os agressores.

Algumas vezes, as pessoas consideram o sofrimento como a vontade de Deus para elas, e crêem que Deus lhes está ensinando uma lição ou que o sofrimento constrói o caráter. As experiências de sofrimento podem, na verdade, ser oportunidades de cresci-



WILLIAM DE MORAES

mento. Ao fazer e em uma retrospectiva, as pessoas que sofrem podem ver que aprenderam muito com a experiência e amadureceram mais. Muitas vezes é isto o que ocorre, mas apenas se a

pessoa que estiver sofrendo também receber apoio e afirmação dessa experiência. Com o apoio da família, de amigos e profissionais nessa área, a pessoa que é vítima de violência doméstica pode pôr fim ao abuso afastando-se do cenário do problema, fazendo mudanças drásticas em sua vida e tornando-se adulto maduro.

O sofrimento pode ser um meio de crescimento, uma vez que a experiência do sofrimento seja administrada.

Perspectiva cristã

O ensinamento cristão a respeito do modelo de relacionamento no matrimônio tem, por tradição, focalizado as cartas de Paulo aos Efésios, Coríntios e Colossenses. A má interpretação ou a ênfase fora de lugar nesses textos cria problemas substanciais para muitos casais. O mais comum é que as diretrizes sobre o casamento, com base nas Escrituras, sejam dadas às mulheres e não aos homens e afirmem que as esposas devem “sujeitar-se” a seus maridos. Muitas vezes isso é interpretado como o marido/pai sendo o chefe absoluto da casa e que a esposa e filhos devem obedecer-lhe sem questionar. Infelizmente, essa idéia também tem sido interpretada como a esposa e filhos tendo de submeter-se ao abuso dos maridos e pais. Essa racionalização é empregada pelos agressores, como também por conselheiros, clero e pelas próprias vítimas de abuso.

Uma consideração atenta dessas passagens bíblicas revela um quadro diferente. Por exemplo, Efésios 5:21:

“Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo.”

Este é o verso principal e mais importante na passagem de Efésios sobre o casamento e também o mais considerado. Ele indica claramente que todos os cristãos – maridos e esposas – devem estar mutuamente sujeitos um ao outro. A palavra traduzida por “estar sujeito” pode ser traduzida de forma mais apropriada por “submeter-se” ou “ajustar-se”.

“As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor” (Efés. 5:22).

Este ensino implica sensibilidade, flexibilidade e compreensão para com o marido. Esse verso em nenhuma hipótese quer dizer que a esposa deve submeter-se ao abuso do marido.

“Porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, sendo este mesmo o Salvador do corpo. Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido” (versos 23 e 24).

No relacionamento entre marido e mulher, o modelo aqui sugerido fundamenta-se no relacionamento entre a igreja e Cristo. Fica claro nos ensinamentos de Jesus que o relacionamento com Seus seguidores não era dominador nem autoritário, mas o de servo. Por exemplo, como um ato de serviço, Jesus lavou os pés dos discípulos. Ensinou, então, que aqueles que desejam ser os primeiros sejam os últimos. Assim sendo, o bom marido não dominará nem controlará a esposa, mas servirá a ela e dela cuidará, de acordo com Efésios.

“Assim também os maridos devem amar a sua mulher como ao próprio corpo. Quem ama a esposa a si mesmo se ama. Porque ninguém jamais odiou a própria carne; antes, a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a igreja” (versos 28 e 29).

Essa introdução aos maridos é muito clara e concreta. O marido deve nutrir e amar seu próprio corpo e também o da esposa. A agressão física que ocorre entre os cônjuges é, provavelmente, a violação mais ostensiva desse ensino e um claro reflexo da aversão do agressor a si próprio.

É interessante que as passagens de Efésios (5:21-29), normalmente usadas como instrução para o casamento, sejam primeiramente dirigidas aos maridos; nove dos versos são dirigidos às responsabilidades do marido no casamento; apenas três, às responsabilidades da esposa, e um com relação a ambos. No entanto, a interpretação contemporânea focaliza por vezes apenas as esposas e, com frequência, emprega-as mal a fim de justificar o abuso por parte do marido.

Com relação à sexualidade no casamento, outra vez essa passagem de Efésios (ver também Colossenses 3:18-21) tem sido usada para estabelecer um relacionamento no qual o marido tem direitos conjugais e a esposa, deveres. Na verdade, outras passagens bíblicas são explícitas quanto a esta questão:

“O marido conceda à esposa o que lhe é devido, e também, semelhantemente, a esposa, ao seu marido. A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim o marido; e também, semelhantemente, o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim a mulher” I Cor. 7:3 e 4.

Os direitos e expectativas entre marido e mulher com respeito às questões sexuais são explicitamente iguais e paralelos, incluindo o direito de recusar o contato sexual. A expectativa de igualdade dos direitos conjugais, acesso sexual e a necessidade de mútua consideração na atividade sexual – tais coisas são muito claras. A sugestão de que marido e mulher “tenham autoridade” sobre o corpo um do outro e não sobre seu próprio corpo refere-se à necessidade de decisões conjuntas quanto à atividade sexual, em vez de decisões arbitrárias e independentes. O marido não tem o direito de satisfazer suas necessidades sexuais sem a anuência da esposa; isto também se aplica à esposa. Esta passagem específica condena frontalmente os incidentes de abuso sexual (estupro) no casamento, relatados por esposas que sofrem abuso físico. 🌐

Marie M. Forture preparou esse material para o Centro de Prevenção Contra a Violência Sexual e Doméstica (Center for the Prevention of Sexual and Domestic Violence, EUA).

Palavras e castigos inconseqüentes

Toda palavra inoportuna leva ao caminho da ruína

por Ellen G. White

No lar onde são pronunciadas palavras ásperas, impertinentes, mal-humoradas, as crianças choram muito; e em sua tenra sensibilidade são impressas as marcas da infelicidade e da discórdia. ...

Não raro se causa descontentamento pelo uso desavisado do talento da fala. A Palavra de Deus não autoriza ninguém a falar asperamente, criando por isto desagradáveis sentimentos de infelicidade na família. ... O linguajar em termos chulos, baixos, comuns, não deve ter lugar na família. ... Quando falais a vossos filhos palavras iradas, estais ajudando a causa do inimigo de toda justiça. ...

Que danos se produzem na família pelo proferir palavras impacientes, pois o falar impaciente de um leva o outro a retrucar no mesmo espírito e maneira. Vêm então palavras de retaliação, de justificação pessoal, e é mediante tais palavras que um jugo pesado e doloroso é feito para o vosso pescoço; pois todas essas palavras amargas retornarão como funesta colheita para vossa alma. ...

Palavras duras atingem o coração através do ouvido, despertando as piores paixões da alma e tentando homens e mulheres a quebrar os mandamentos de Deus. – *O Lar Adventista*, págs. 436 a 439.

Nunca deis em vosso filho uma panca-

da com ira, a menos que desejeis que aprenda a lutar e contender. Como pais estais no lugar de Deus para com vossos filhos, e deveis estar de sobreaviso. ...

Nunca levanteis a mão para lhes dar um tapa, a não ser que possais, em clara consciência, curvar-vos diante de Deus e pedir Sua bênção sobre a correção que estais prestes a dar. ...

Tenho dito que sacudir uma criança, jogará dois espíritos maus para dentro, enquanto joga um para fora. Se a criança estiver errada, sacudi-la apenas a torna pior. Não a subjuga.” – *Orientação da Criança*, págs. 251 e 252.

Cada palavra pronunciada por pais e mães tem a sua influência sobre os filhos, para o bem ou para o mal. Se os pais usarem linguagem violenta, se mostrarem o espírito revelado pelos filhos deste século, Deus os considerará como filhos deste mundo e não como Seus filhos e filhas.

Uma palavra dita no devido tempo poderá ser uma boa semente no espírito juvenil e pode resultar em conduzir os pequenos pés no caminho reto. Mas uma palavra inoportuna pode levar seus pés ao caminho da ruína.

Os anjos ouvem as palavras que são ditas no lar. Portanto, nunca ralheis, mas deixai que a influência de vossas palavras seja de tal natureza que ascenda ao Céu como perfumado incenso.

Devem os pais manter a atmosfera do lar fragrante e pura com palavras de bondade, com terna simpatia e amor; mas ao mesmo tempo devem ser firmes e inamovíveis no princípio. Se sois firmes com vossos filhos, poderão pensar que os não amais. Isto podeis esperar, mas jamais manifesteis aspereza. A justiça e a misericórdia devem dar-se as mãos; não deve haver vacilação ou movimentos impulsivos.

O principal requisito da linguagem é que seja pura, benévola e verdadeira – a expressão exterior de uma graça interna. ... A melhor escola para este estudo da linguagem é o lar.

Palavras bondosas são como orvalho e generosos chuveiros para a alma. As Escrituras dizem de Cristo que a graça fora derramada em Seus lábios, para que Ele pudesse falar “uma palavra a seu tempo àquele que está enfermo”. E o Senhor adverte: “A vossa palavra seja sempre agradável”, “para que dê graça aos que a ouvem”. ...

Sede puros no falar. Cultivai um tono de voz brando e persuasivo, e não ríspido e ditatorial. Dai aos filhos lições sobre o cultivo da voz. Educai seus hábitos de falar, até que as palavras ásperas ou rudes não saiam espontaneamente de seus lábios quando qualquer prova lhes sobrevém. – *O Lar Adventista*, págs. 434 e 435. 🌐



por Odiléia Lindquist

Quero compartilhar com você uma historietta que me chamou a atenção.

Conta-se que uma senhora fez uma longa viagem para falar com Ghandi. Ao ser recebida, disse:

– Mestre, este meu filho tem diabetes. Por favor, peça a ele que pare de comer açúcar.

Ghandi respondeu:

– Minha senhora, peço-lhe que retorne daqui a duas semanas.

Passados quinze dias, a senhora voltou com o garoto e, imediatamente, ouviu o mestre solicitar ao menino para parar de comer açúcar.

A mulher ficou intrigada e perguntou:

– Mestre, por que o senhor não lhe disse isso quinze dias atrás?

Ghandi respondeu:

– Como eu poderia pedir a ele algo que eu mesmo não fazia?

Essa historietta fez-me refletir sobre muitas situações do nosso dia-a-dia. Ultimamente, temos ouvido muita gente falando sobre a paz. São artistas, jornalistas, políticos, professores, religiosos, enfim, uma multidão de pessoas que, de uma forma ou outra, estão envolvidas com esse tema.

Não mais é possível ouvir ou ler um jornal sem se defrontar com cenas de agressão, ódio, crimes, difíceis de encarar. Em nossa sociedade pós-moderna, o ódio parece avançar em todas as direções, dentro de escolas, cidades até então pacatas, clubes, igrejas e, por incrível que pareça, até dentro de lares de pessoas de nossa convivência.

O que fazer? Como ajustar o discurso à prática? Como proceder para que um tema tão discutido seja assimilado por todas as pessoas e haja uma trégua em tanta violência?

Precisamos aprender a didática de Ghandi. Não dá para falar sobre a paz se não a vivemos. Será preciso dizer àquele que nos interpela que volte daqui a alguns dias para que a pergunta seja respondida com coerência?

A paz começa no lar

É no aconchego de uma família que iniciamos nossa existência. Todo ser



PAZ

Vivendo a

A violência pode ser desaprendida

humano é gerado (ou deveria ser) como fruto do amor existente entre duas pessoas – seus pais.

A partir desse instante, o casal deveria construir junto uma atmosfera de tranqüilidade, compreensão, afeto, carinho. Afinal, um bebê está sendo gerado e ele já é sensível ao ambiente externo. Portanto, pai e mãe devem fazer a sua parte na preservação da harmonia no lar, pois antes mesmo do seu nascimento começa o preparo que o habilitará mais tarde a combater com êxito os maus traços de caráter.

Primeiros anos

Os primeiros anos de uma criança são determinantes na formação de seu caráter. É no lar que a criança irá se familiarizar com os valores essenciais da vida como: honestidade, amor, fraternidade, respeito, bondade, cortesia. E isso tudo é aprendido por preceito e exemplo vividos por seus pais, familiares e pessoas próximas a ela.

Que caráter desenvolverá uma criança criada num ambiente fraterno e amoroso?

Uma criança que presencia diálogos ternos entre seus pais e os vê trocando carícias e afagos, terá menos probabilidade de desenvolver atos agressivos com seus irmãos ou amiguinhos.

Crianças tratadas com bondade também desenvolverão a bondade em seus relacionamentos.

O que não fazer

Deus solicita aos filhos que obedçam a seus pais no Senhor, mas também recomenda aos pais para não irritarem seus filhos.

De que modo os pais podem irritar seus filhos?

◆ Levantando a voz quando os repreendem por alguma falta.

“Deve a mãe conservar suas palavras sob perfeito controle. Não deve haver ordens em voz alta. Nada deve ser feito que desenvolva na criança o espírito de desafio.” – Ellen G. White, *Orientação da Criança*, pág. 212.

◆ Irritando e agindo com aspereza, dando-lhes safanões, beliscões, tapas, empurrando-os ou usando a vara com ira.

“Tenho dito que sacudir uma criança, jogará dois espíritos maus para dentro, enquanto joga um para fora.” – *Ibidem*, pág. 252.

◆ Solicitando qualquer coisa aos filhos em tom áspero, com censura ou reprovação.

“Pais, cada vez que vocês perdem o domínio próprio e falam e agem impacientemente, pecam contra Deus.” – *Ibidem*, pág. 217.

◆ Repetindo constantemente suas faltas como se não houvesse mais nenhuma chance de mudança.

“A contínua censura confunde, mas não reforma.” – *Ibidem*, pág. 281.

◆ Sendo injustos na forma de disciplina ou castigos.

“Muitas vezes se instala nos corações infantis a rebelião, devido a uma errônea disciplina por parte dos pais...” – *Ibidem*, pág. 282.

◆ Expondo suas faltas a outras pessoas, envergonhando-os, humilhando-os.

“Esse modo de disciplina jamais curará o mal.” – *Ibidem*, pág. 283.

◆ Sendo ditadores intransigentes, despóticos, autoritários.

“Muitos pais que professam ser cristãos não são convertidos. ... Sua aspereza, sua imprudência, seu gênio indomável, desgostam os filhos, e os tornam avessos a toda instrução religiosa.” – *Ibidem*, pág. 280.

“Os pais que... são exigentes demais na disciplina e instrução, não educam corretamente os filhos.” – *Ibidem*, pág. 286.

Como reage uma criança

Se uma criança for tratada aos gritos, solavancos, críticas constantes, palavras ásperas, só poderá reagir da mesma forma, pois toda ação gera uma reação.

A impaciência nos pais instiga a ira nos filhos.

Freqüentemente esta é a razão por que muitas delas são agressivas, desrespeitosas com os pais e autoridades, inquietas, insubordinadas, intratáveis.

“Deus considera esses pais culpados de arruinar a felicidade dos filhos.” – *Orientação da Criança*, pág. 284.

“Uma mãe que não tem o perfeito domínio de si mesma não é apta para governar os filhos.” – *Ibidem*, pág. 282.

“Uma reprovação que vem como palavra de Deus é muito mais eficiente que a que sai em tom áspero e colérico dos lábios dos pais.” – *Ibidem*, pág. 283.

“Se os pais querem que os filhos sejam agradáveis, nunca lhes devem tratar de maneira áspera.” – *Ibidem*, pág. 286.

“É pecado falar de modo impaciente e mal-humorado...” – *Ibidem*, pág. 95.

Terapia da paz doméstica

O recurso mais eficaz para promover a paz doméstica é concentrar esforços na comunicação.

Nunca os seres humanos viveram tão próximos uns dos outros e se sentiram tão solitários, tão distantes.

Vivemos correndo atrás de coisas e nos esquecemos



de que as pessoas são mais importantes. Portanto, procure seguir as recomendações apresentadas pela Profa. Maria Tereza Maldonado, quando sugere:

Aprenda a ouvir com atenção, consideração e sensibilidade. Tome tempo para ouvir as pessoas do seu círculo familiar e social. Desenvolva a compreensão empática, que nada mais é do que se colocar no lugar do outro e entender sua maneira de pensar e agir.

Se possível, pratique a escuta sensível, procurando entender e captar o que está nas entrelinhas das palavras, da linguagem corporal e dos atos.

Aprenda a reclamar do que não gosta, sem ofender, humilhar nem atacar a pessoa. Por exemplo: "Só um imbecil como você é capaz de deixar uma toalha molhada em cima da cama!" Expressões ofensivas magoam, enraivecem, geram atitudes de revolta, resistência, provocação e contra-ataque. Desta forma, contribuem para o aumento da violência e não resolvem o problema.

Aprenda a atacar o problema e não a pessoa. Em vez de se preocupar com ganhar ou perder a discussão, preocupe-se em encontrar uma solução. Resolver o problema sem atacar as pessoas envolve

a disposição de ouvir o que a pessoa tem a dizer, tentar entender seus argumentos e pontos de vista, expressar os próprios pensamentos com clareza e tentar negociar uma solução razoável para ambas as partes. Este é o núcleo básico dos programas de EDUCAÇÃO PARA A PAZ.

Aprenda a controlar a raiva. Quando sentir a raiva "subir", ou antes de "virar vulcão" e explodir violentamente em cima de quem estiver por perto, tente afastar-se, respirar fundo, contar até vinte, socar uma almofada, beber um copo d'água ou tomar outra providência qualquer (orar em silêncio) que "esfrie a cabeça" antes que você a perca. Aprenda a controlar a raiva antes que ela controle você.

Aprenda a dizer o que gosta com relação ao que os outros dizem ou fazem. "Gosto quando a gente conversa durante o jantar, em vez de ligar a televisão." Essa atitude cria um clima de harmonia e bem-estar, não só no âmbito familiar como no âmbito social e profissional.

Essa atitude desperta nos outros os mesmos sentimentos e ajuda a construir o olhar de apreciação, base da formação da auto-estima e do gosto pela vida.

Aprenda a descarregar as tensões inevitáveis de modo saudável. Pratique um esporte que o ajude a descarregar de modo não destrutivo as tensões e raivas acumuladas.

Aprenda a tolerar as diferenças. O exercício da tolerância é a base da formação dos acordos de convívio, em que as pessoas buscam criar soluções para impasses e conflitos que sejam razoáveis para todos. Tolerar as diferenças e conseguir fazer acordos significa também ser capaz de tolerar frustrações, aceitar a realidade de que nem sempre acontece o que a gente quer na hora em que gostaríamos.

Vale acrescentar a essa lista mais um item de grande significado na construção da paz.

Aprenda a ter, diariamente, momentos a sós com Deus. Sabe-se que a mulher cristã pós-moderna tem uma jornada tripla de trabalho (família, emprego, igreja), e que isso requer dela muito tempo e dedicação. No entanto, você pode separar diariamente alguns momentos para sua comunhão pessoal com Deus. Nesses instantes, você vai ler um capítulo da Bíblia de forma pessoal, uma porção de um livro e orar pedindo a Deus sabedoria e forças para tê-Lo como seu referencial de vida.

Resultados

Você já pensou na mudança que ocorreria em nossa sociedade se cada lar deste país estivesse comprometido com a construção da paz?

Se em todas as famílias dos bairros chiques ou das favelas, do norte ou do sul, dos climas frios ou quentes, religiosos ou não, estivessem buscando viver a paz?

Você já pensou em quão diferente seria o nosso país e, sem demagogia ou arroubo, o que tal atitude provocaria no mundo? Outros mais estariam buscando imitar este modelo que deu certo.

Querido leitor, o mundo não mais precisaria ouvir conceitos de paz, de discursos a favor da paz, de passeatas pela paz, de músicas, livros, propagandas ou qualquer outro recurso da mídia, pois você e eu, em nosso lar, escola, trabalho, igreja, estaríamos vivendo, praticando e construindo a cada dia a paz.

O ser humano nasceu para viver num mundo de paz. Ninguém nasce violento. A violência pode ser desaprendida e, em seu lugar, faremos coro com os anjos daquela noite quando o Príncipe da Paz nasceu entre nós, e entoaremos alegremente:

"Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade."

Vamos começar já a praticar a didática de Ghandi e não precisaremos pedir aos nossos interlocutores para voltar mais tarde. 🌐

Odiléia Lindquist é editora associada de livros da Casa Editora Brasileira.





Eric Koutas

Sabedoria para evitar a **Violência**

Cuidado com as palavras: virtude rara

por Noel José Dias da Costa

De todas as habilidades humanas, a linguagem destaca-se pelo seu impacto e influência nas relações entre as pessoas. Palavras, expressões e discursos marcaram a História, determinando seu curso. O “sim” ou o “não”, palavras tão pequenas, determinaram a vida ou a morte de mui-



ção de reprimir a livre expressão; antes pelo contrário, acreditamos que a sinceridade e a comunicação em alto nível são imprescindíveis para a boa convivência. O que se pretende, entretanto, é fazer lembrar alguns princípios que norteiam o equilíbrio neste particular. Não é raro confundir-se sinceridade e franqueza com grosseria e descortesia.

Deus nos diz que a “tagarelice é como pontas de espada, mas a língua dos sábios é medicina”. Provérbios 12:18. O alvo do cristão é seguir os passos do Salvador, cujas palavras sempre produziram mudanças positivas em quem as ouviu. O cuidado com as palavras é virtude rara, como enfatizou Tiago ao dizer que “a língua, porém, nenhum dos homens é capaz de domar; é mal incontido, carregado de veneno mortífero”. Tiago 3:8.

Quando bem usadas, as palavras podem modificar o ambiente. De fato, “a resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira”. Provérbios 15:1. Ao nos depararmos com uma situação de crise, quando percebemos que a outra pessoa está fora do controle, precisamos unir-nos mais ainda a Deus e clamar por Sua sabedoria e prudência para desviar o furor através de uma atitude sábia, onde silêncio e palavras cuidadosamente escolhidas possam ser o veículo de bênçãos, capaz de aplacar a ira e assegurar o mínimo equilíbrio para que se evite o pior. Depois, quando a pessoa estiver menos agitada, deve-se procurar ouvi-la e levá-la a refletir sobre suas atitudes. Porém, tentar fazê-lo no momento de crise é loucura. Quando duas pessoas estão falando ao mesmo tempo, as duas se tornam surdas, pois cada uma ouve apenas o que ela mesma fala. É infrutífero o esforço nessa direção, como está escrito: “Os lábios do insensato entram na contenda, e por açoites brada a sua boca.” Provérbios 18:6. Por isso Deus nos afirma que “como machos de ouro em salvas de prata, assim é a palavra dita a seu tempo”. Provérbios

bios

25:11.

Há um momento certo

para falar, e o perceberemos se tivermos comunhão com Deus, lembrando que o cristão deve ser “pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar”. Tiago 1:19.

A violência manifesta-se espontaneamente, pela própria natureza corrompida do homem, bastando um ambiente favorável para que ela se desenvolva. A atitude passiva diante dela seria uma forma de justificá-la, o que contraria o princípio cristão. Sabendo que há meios de neutralizá-la, devemos nos esforçar por fazê-lo. É importante fazer uso prudente e sábio das palavras, evitando aquelas que possam desencadear atitudes agressivas, usando judiciosamente palavras e expressões positivas e lembrando que “a morte e a vida estão no poder da língua; o que bem a utiliza come do seu fruto”. Provérbios 18:21. 🌐

Noel José Dias da Costa é pastor e psicólogo (Mestrado em Teologia – Salt/IAE; Mestrado em Psicologia – USP; Professor de Ensino Superior do Unasp-C1, São Paulo, SP).

t a s
pessoas.
Também foram decisivas quando proferidas no altar, ou após o pedido formal de casamento. Palavras podem unir, mas têm também a capacidade de separar. Têm o poder de levar multidões à guerra, como também têm a capacidade de mobilizar a humanidade na busca da paz. Só a eternidade poderá dizer-nos o alcance das palavras, como expressou Jesus ao dizer: “Pelas tuas palavras, serás justificado e, pelas tuas palavras, serás condenado.” Mateus 12:37.

Desde que o pecado entrou no mundo, a convivência humana tornou-se muito complicada. Naquele momento, palavras injustas começaram a ser proferidas, causando ruína, dor, separação e, em alguns casos, até a morte. Por isso Deus nos instrui a sermos cuidadosos com o que dizemos, e na forma como o fazemos. Se atentarmos aos Seus conselhos, não só evitaremos incompreensões e atitudes violentas, mas também colheremos paz, união e harmonia.

Estudos demonstram que grande parte das dificuldades no relacionamento, principalmente no meio familiar, são decorrentes de banalidades, pequenas expressões proferidas com descuido. Deus nos adverte dizendo que “o que guarda a boca conserva a sua alma, mas o que muito abre os lábios a si mesmo se arruína”. Provérbios 13:3. Não há aqui qualquer inten-

Onde buscar auxílio

Livros

Família – Uma Sociedade que Pode Dar Certo

238 páginas. Escrita por Antonio Estrada, doutor em Estudos Sobre Matrimônio e Família, esta obra mostra como o homem e a mulher podem conviver sem que haja domínio ou submissão. Indica como os pais devem relacionar-se com os filhos, a fim de educá-los na fé cristã.

A primeira parte analisa o tratamento que a mulher tem recebido por parte do homem, da sociedade e da religião nas diferentes culturas. A segunda tem que ver com o homem e sua crise contemporânea. Discute o movimento masculino, com suas implicações, e mostra a necessidade de se buscar um modelo para o homem cristão. A terceira parte aborda o relacionamento entre pais e filhos, destacando que o exemplo dos pais é essencial para que os filhos tenham êxito neste mundo individualista.

Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, São Paulo.
0800-990606, www.cpb.com.br.

Orientação da Criança

627 páginas. Este livro é considerado uma excelente compilação dos escritos de Ellen G. White sobre o assunto. Recomenda-se a leitura das seções “A Disciplina e sua Administração” e “Disciplina Deficiente”.

Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, São Paulo.
0800-990606, www.cpb.com.br.

O Lar Adventista

583 páginas. Esta obra, também uma compilação de conselhos de Ellen G. White sobre família, é uma espécie de manual para pais muito ocupados e um padrão ou ideal daquilo que o lar pode e deve tornar-se. Ler especialmente as seções “A Herança do Senhor”, “A Família Feliz”, “O Pai – Laço de União” e “Mãe – Rainha do Lar”.

Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, São Paulo.
0800-990606, www.cpb.com.br.

Ouse Disciplinar

240 páginas. O autor, James Dobson, é doutor em Desenvolvimento Infantil pela Universidade do Sul da Califórnia.

Editora Vida, São Paulo;
www.editoravida.com.br.

Sites

UNICEF:

www.unicef.org/brazil

Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência:

www.abrapia.org.br

Disque-denúncia de violência sexual infanto-juvenil:

Telefone 0800-99-0500, de segunda a sexta-feira, das 8h00 às 18h00.

A

marca distintiva do cristão é a qualidade de suas relações humanas na igreja e na família.

Está no espírito de Cristo amar e aceitar, procurar incentivar e edificar os outros, ao invés de maltratar ou derrubar. Não há lugar entre os seguidores de Cristo para o controle tirânico e o abuso do poder e da autoridade. Motivados pelo amor a Cristo, Seus discípulos são chamados a mostrar respeito e consideração pelo bem-estar dos outros, aceitar homens e mulheres como iguais e reconhecer que cada pessoa tem direito ao respeito e à dignidade.

